

AUGUSTO CARLOS RODRIGUES DA CUNHA

**GESTALT TERAPIA E ADOLESCÊNCIA NA ATUALIDADE – UMA REVISÃO DE
LITERATURA**

BRASÍLIA

2018

AUGUSTO CARLOS RODRIGUES DA CUNHA

**GESTALT TERAIA E ADOLESCÊNCIA NA ATUALIDADE – UMA REVISÃO DE
LITERATURA**

Monografia apresentada à faculdade de
psicologia do Centro Universitário de Brasília
– UniCEUB, como requisito parcial à
conclusão do curso de psicologia
Orientadora: Ilsimara Moraes da Silva

BRASÍLIA

2018

AUGUSTO CARLOS RODRIGUES DA CUNHA

**GESTALT TERAPIA E ADOLESCÊNCIA NA ATUALIDADE – UMA REVISÃO DE
LITERATURA**

Monografia apresentada à faculdade de
psicologia do Centro Universitário de Brasília
– UniCEUB, como requisito parcial à
conclusão do curso de psicologia
Orientadora: Ilsimara Moraes da Silva

20 DE NOVEMBRO DE 2018

BANCA EXMINADORA

Prof .(a) ILSIMARA MORAES DA SILVA, Me

Prof.

Prof.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal fazer uma revisão teórica da compreensão da adolescência no Brasil pela Gestalt-terapia. Também analisa como a Gestalt-terapia estrutura suas bases teóricas para sua atuação nesse campo. Tais objetivos são realizados a partir da leitura de artigos inteiramente dedicados ao tema, constantes de duas revistas especializadas em Gestalt-terapia e de reconhecida atuação. São analisados a evolução do conceito de adolescência tanto do ponto de vista histórico quanto pela teoria do desenvolvimento. A análise dos artigos é feita por meio de resumos dos artigos, enfatizando as bases epistemológicas e teorias usadas ou ressaltadas por cada autor, como entende a questão da Gestalt-terapia e a teoria do desenvolvimento, a própria adolescência e também os procedimentos de intervenção. Dá-se atenção especial ao exame da contemporaneidade não como uma simples atualidade, mas como um conjunto de mudanças na vida social com repercussões determinantes na vida do adolescente. Examina-se como a Gestalt-terapia vem lidando com todos esses fatos.

Palavras-chave: Gestalt-terapia. Adolescência. Teoria do desenvolvimento, Contemporaneidade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
DESENVOLVIMENTO	9
1. A ESCOLHA DA LITERATURA QUE NORTEOU O TRABALHO.....	9
1.1 Os artigos da Revista IGT na Rede.....	10
1.2 Os artigos da Revista da Abordagem Gestáltica	11
2. CONTEXTUALIZANDO O FENÔMENO DA ADOLESCÊNCIA	13
2.1 Evolução histórica do conceito	13
2.2 Compreendendo o fenômeno da adolescência pela teoria do desenvolvimento humano.....	14
3. GESTALT TERAPIA, ADOLESCÊNCIA E CONTEMPORANEIDADE.....	17
3.1 A abordagem gestáltica da adolescência.....	17
3.2 A compreensão da adolescência na contemporaneidade pela Gestalt terapia	19
4. GESTALT TERAPIA E ADOLESCÊNCIA NOS ARTIGOS DA RAG E REVISTA IGT NA REDE.....	21
4.1 Adolescência: fenômeno singular e de campo.....	23
4.2 Gestalt no atendimento a adolescentes	26
4.3 Adolescentes e adulescentes na contemporaneidade.....	27
4.4 Ansiedade na adolescência	27
4.5 Gestalt terapia e relações familiares	29
4.6 Adolescência, suicídio e autolesão	32
4.7 Gestalt-terapia e transtornos alimentares na adolescência.....	35
4.8 Gestalt-terapia, adolescência e somatização	37
4.9 Gestalt-terapia e Adolescentes em conflito com a lei.....	38
4.10 Gestalt-terapia e a dor oncológica.....	43
4.11 Os limites entre a proteção e o respeito à convivência familiar	44
4.12 Adolescência e trânsito	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS.....	51

INTRODUÇÃO

A adolescência é um fenômeno recente na história do desenvolvimento humano. Nasceu próxima ao nascimento da própria psicologia no final do século XIX. É, portanto, um fenômeno típico da modernidade, entendida esta como a sociedade industrial de orientação capitalista, organizada por um Estado que monopolizou o uso da força física, fazendo emergir todas as formas de convivência e estereótipos sociais que tão bem conhecemos – hoje em vertiginosa mudança.

A adolescência é entendida como um período de passagem da infância para a vida adulta, envolvendo aspectos biológicos, psicológicos, sociais, econômicos e políticos, acompanhados dos esforços do indivíduo para alcançar as expectativas estabelecidas pela sociedade na qual está inserido. Em linha gerais, o indivíduo deve posicionar-se frente a um conjunto de definições consideradas como imprescindíveis para sua entrada no mundo da vida adulta.

São assinalados como características desse período a emergência da puberdade, implicando em definições sobre orientação sexual, a procura por quais meios deverá seguir para obter independência financeira, garantindo o seu próprio sustento, e autonomia em relação ao seu núcleo familiar. Em síntese, é um período determinante de construção de sua subjetividade e sua identidade. Nesse aspecto, estabeleceu-se na sociedade contemporânea a ideia de que a adolescência deve ser encarada como um período de crise.

Assim, as dificuldades para realização dessa tarefa fazem surgir disfunções, ou conflitos, entre o jovem e os valores e comportamentos estabelecidos socialmente oferecidos pela sociedade a que ele deve aderir para completar a sua integração ao mundo adulto, por inúmeros motivos.

Há uma certa indeterminação para precisar a duração da adolescência. Cronologicamente, a Organização Mundial de Saúde (OMS) estabelece no intervalo de tempo entre os 10 e 19 anos. No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei n. 8.069, de 1990, estabelece que a adolescência se situa entre os 12 e 18 anos. O fim da adolescência é ainda mais impreciso. Na sociedade atual, em determinados contextos, é cada vez mais comum a permanência do indivíduo na dependência familiar até idade muito mais avançada (25 -30 anos).

Esse prolongamento do período da adolescência, ocorre por dois aspectos: de um lado convive-se com o encurtamento da infância, visto que atualmente as crianças são tratadas como potenciais consumidoras e são incentivadas a se tornarem adultas. Por outro lado,

posterga-se cada vez mais a passagem para a vida adulta, um marco por si mesmo difícil de definir e ainda instável. Alguns autores chegam a afirmar ser impossível, em tempos atuais, fixar com segurança o período final da adolescência (LIRA, 2010).

Em meio a essas complexidades se insere a abordagem psicológica, que tanto tem a ver com a compreensão do fenômeno da adolescência como com o campo de atuação do psicólogo, cada vez mais demandado pela ampliação da área de atuação da psicologia, notadamente pela expansão de seus modos de intervenção.

Entender a adolescência como um período de crise é creditado a certas correntes da psicanálise. Tais interpretações têm recebido críticas, partilhada por muitos Gestalt-terapeutas, dirigidas principalmente ao fato de que essas concepções foram elaboradas a partir de experiências de outras culturas – a dos países centrais capitalistas –, da ênfase em fatores biológicos e da divisão da evolução humana em estágios, dentre outras. Assim, há como que uma naturalização desses fenômenos, que são estendidos para outros contextos.

A Gestalt-terapia é uma abordagem psicológica que emergiu no início da segunda metade do século passado nos Estados Unidos da América a partir dos trabalhos de Frederick Perls, com a colaboração de diversos autores. Teve notável difusão no Brasil a partir da década de 70, podendo ser considerada atualmente como uma referência em Psicologia no Brasil. Conta hoje com diversos institutos de formação e revistas e jornais especializados.

Esse trabalho tem como objetivo principal fazer uma revisão da compreensão e da atuação da Gestalt-terapia sobre o fenômeno da adolescência no Brasil, na atualidade, a partir de uma revisão de literatura sobre o tema. Para tanto, optou-se por analisar os artigos, sobre o tema adolescência, publicados em revistas brasileiras que focalizam a abordagem da Gestalt-terapia, editadas no período de 1995 a 2017.

Como objetivos secundários, examina-se como a Gestalt-terapia discute o desenvolvimento humano e estrutura suas teorias de base para abordar os dilemas adolescentes na sociedade brasileira contemporânea.

A monografia está dividida em duas partes. A primeira parte (itens 1 a 3) inicia-se fazendo referência ao processo de escolha as duas revistas eletrônicas selecionadas: a Revista da Abordagem Gestáltica (RAG) e a Revista IGT na Rede (RIGT). Serão objeto de análise os artigos inteiramente dedicados a temática adolescente.

No item 2, aborda-se a gênese do conceito de adolescência na história da Humanidade, enfatizando sua emergência no contexto de evolução da sociedade capitalista europeia e norte-americana. Em seguida, no item 3, analisa-se a adolescência pela ótica da psicologia do desenvolvimento, abordando de forma sucinta seus pressupostos, por meio das teorias de

Freud, Hall e, principalmente, a teoria da Identidade de Erik Erikson, fazendo referência a como Gestalt-terapia entende o desenvolvimento humano.

Passa-se, então, no item 3, para a abordagem gestáltica no contexto da adolescência. Nesse sentido, serão realçadas questões que entrelaçam o tema da adolescência com a Gestalt-terapia, de um modo genérico. Nesse mesmo item 3 será examinada as implicações entre a adolescência e a contemporaneidade como vista por autores da Gestalt-terapia, assunto que vem se mostrando extremamente relevante na abordagem do tema.

Na segunda parte (item 4), examina-se como os autores da Gestalt-terapia articulam suas bases teóricas e processos de intervenção com as diversas contingências da vida adolescente, no contexto da sociedade brasileira. Destacam-se a questão do suicídio, os transtornos de alimentação, a autolesão, a ansiedade, os transtornos de comportamento antissocial, e outros. É pela ótica da abordagem desses sintomas, como descritos nessas revistas, que será realizada a compreensão da atuação da Gestalt-terapia no trato com a temática adolescente.

O tema foi escolhido pelo interesse do pesquisador pela adolescência, e as diferentes dimensões que o adolecer pode assumir na sociedade contemporânea. Tal interesse tem permeado a formação do pesquisador que ao realizar o projeto desta monografia estava estagiando em um projeto de assistência psicológica com adolescentes em situação de vulnerabilidade.

DESENVOLVIMENTO

1. A ESCOLHA DA LITERATURA QUE NORTEOU O TRABALHO

Para desenvolvimento da pesquisa, optou-se, como já assinalado, pela escolha dos artigos de duas revistas especializadas, editadas por dois institutos de reconhecida atuação na prática clínica, estudo, ensino, documentação e divulgação da Gestalt-terapia no Brasil. São eles: o Instituto de Gestalt Terapia e atendimento familiar, sediado no Rio de Janeiro e o Instituto de Gestalt Terapia de Goiânia. O primeiro edita a revista “IGT na rede” e o segundo a “Revista da Abordagem Gestáltica” (RAG).

Antes de fazer a opção por essas duas revistas, tinha-se a ideia de realizar uma ampla pesquisa na Internet. Assim, com os descritores “Gestalt-terapia e adolescência” e “Gestalt-terapia e adolescentes”, foi dada entrada no sítio Pesquisa Integrada do UniCEUB, que agrega artigos de vários sítios de buscas. No dia 16 de agosto de 2018, foram encontrados 659 artigos com esse tema, cobrindo o período de 2008 a 2017. A pesquisa abrangia também monografias, dissertações e teses.

Uma análise superficial do material encontrado mostrou evidências de que a tarefa seria muito mais complexa do que se imaginava. Em primeiro lugar, havia muita repetição de artigos. Ou seja, um artigo que aparecia nas páginas iniciais voltava a aparecer no percurso da pesquisa. Um outro ponto: outros artigos que poderiam ter interesse não estavam disponíveis para exame. Mais um outro ponto a se ter em conta, é que a maior parte dos artigos consultados, de interesse para o objetivo da presente monografia, eram os artigos das revistas acima referidas.

Desse modo, foi-se mostrando de maneira clara que deveria haver uma opção da parte do autor no sentido de limitar sua busca, tanto do ponto de vista das fontes da pesquisa quanto da forma em que os assuntos eram apresentados – teses, livros, dissertações, monografias e artigo. Nesse contexto, optou-se pela escolha de artigos como fulcro central da pesquisa. Sem dúvida, eles apresentam uma maior variedade de temas, além de contar com maior quantidade de material de autores diversos para exame de um mesmo assunto, o que permitiu uma maior amplitude de análise.

Um outro ponto que justificou a opção foi a forma de organização desses artigos, disponíveis e devidamente organizados por número e data de edição nos próprios sítios dos institutos que as publicam e/ou em sítios de busca que aglomeram publicações de várias origens, como o Pepsic. Essas escolhas limitaram e sistematizaram o espectro da pesquisa, ao

tempo em que proporcionaram maior coerência ao trabalho, sem prejudicar a análise dos temas caros à vida adolescente.

Quanto ao período abrangido pelas publicações, reconhecemos que são distintos, pois a Revista IGT na rede existe desde 2007 e a RAG desde 1995. Entendemos que tal fato não se reveste em um problema, pois em nenhum momento esteve presente o objetivo de se comparar as duas revistas, no sentido avaliativo, embora, a bem da verdade, devamos reconhecer nos artigos da RAG maior profundidade dos conteúdos e zelo acadêmico em sua elaboração.

Além desses artigos, como o objetivo de ampliar a análise dos artigos foram selecionados dois capítulos do seguinte livro: “A Clínica Gestáltica com Adolescentes”, organizado por Rosana Zanella. São os seguintes: o capítulo 2, “A consulta clínica com pais de adolescentes em Gestalt terapia”, de Myrian Bove Fernandes, para o qual foi feito resumo no item 4.5 desta monografia e o capítulo 6, “O adolescente com transtorno de conduta – a carência afetiva por trás da violência”, de Sheila Antony, que também contará com resumo no item 4.9.

1.1 Os artigos da Revista IGT na Rede

Conforme anuncia seu sítio – [Htts://igt.psc.br](https://igt.psc.br) – o instituto define-se como “um centro de pesquisa e ensino na área do desenvolvimento humano”, oferecendo cursos de extensão e pesquisa além do atendimento ao público em geral. Edita a revista IGT na rede e administra o CDGB (Centro de Documentação da Gestalt Terapia Brasileira).

A pesquisa na revista do Instituto foi feita diretamente em seu sítio, com edições desde 2004, na média de uma por ano, até 2006, e duas edições anuais a partir de 2005 até 2017. Ao todo, constam sete artigos que tratam exclusivamente do tema da adolescência, que estão listados no Quadro 1 abaixo, indicando o nome do artigo, seu(s) autor(es) e a o número e data de sua edição.

Quadro 1 Artigos da Revista “IGT na rede” que tratam do tema da Adolescência

Nome do artigo	Autor(es)	Edição
Marcas na pele: a auto-lesão sob a ótica da Gestalt Terapia	Damiriane Lino Couto e Luane Seixa Pereira Cunha	Vo. 14, n. 27, 2017
Anorexia em adolescentes sob a ótica da Gestalt terapia	Mariane Lima de Carvalho e Deyseane Araújo Lima	vol 14, n. 26, 2017
Os conflitos na fronteira de contato entre pais e filhos adolescentes	Rosimeire Viana Barbosa da Silva	Vol 12, n. 22, 2015
Direitos da Criança/adolescente: Limites entre a proteção e o respeito à convivência familiar	Tatiana Queiroz de Almeida Santos	Vol 10, n. 18, 2013
Adolescência e Trânsito	Elizabele Maria Sobrinho	Vol 7, n. 12, 2010
Adolescentes e adultescentes na contemporaneidade	Nara maria Soares de Lira	Vol 7 n. 12, 2010
Uma visão fenomenológica sobre os limites da adolescência	Lucylle Fróis de Mello	Vol. 2 n. 2 2005

Fonte: Do autor

1.2 Os artigos da Revista da Abordagem Gestáltica

A Revista da Abordagem Gestáltica (RAG) é editada pelo Instituto de Gestalt-Terapia de Goiânia (IGTG), uma das mais respeitadas instituições de atuação no estudo e divulgação da Gestalt-terapia no Brasil, que tem como editor Adriano Holanda, professor da Universidade Federal do Paraná, intelectual da Gestalt-terapia, com amplo reconhecimento no mundo da psicologia no Brasil e larga produção acadêmica.

Seguindo os mesmos critérios, são onze os artigos que abordam exclusivamente o tema da adolescência, conforme apresentados no Quadro 2 abaixo.

Quadro 2 Artigos da Revista da Abordagem Gestáltica que tratam do tema da Adolescência

Nome do Artigo	Autor(es)	Edição
“Incríveis Infratores” – Adolescentes estigmatizados em encontro com a Gestalt Terapia	Nara Cristina Leão	jan – jun 2007
Considerações fenomenológico-hermenêuticas acerca da somatização na adolescência: um estudo de caso	Luanny Tomaz Brito, Ana Karina Silva Azevedo e Luciana Carla Barbosa de Oliveira	Jul-dez 2015
Percepção de adolescentes com câncer: pesquisa fenomenológica	Hilze Siqueira, Andressa Pelegrin, Rodrigo Gomez, Talita Silva e Fátima Souza	Jan-jun 2015
Adolescência: fenômeno singular e de campo	Lauane Baroncelli	Jul-dez 2012
Relação Amorosa e Tentativa de Suicídio na Adolescência: uma Questão de (Des)Amor	Ana Karina Silva Azevedo e Elza Maria do Socorro Dutra	Jan-jun 2012
Compreendendo os transtornos alimentares pelos caminhos da Gestalt terapia	Arlene Leite Nunes e Adriano Holanda	Vol. 14 2008
Ansiedade na Adolescência	Ênio Brito Pinto	Vol 12 n.2 2006
Interrupção do diálogo: um estudo com adolescente infratores	Maria Aparecida Dias Vieira	Vol. 8 2002
Gestalt no atendimento a adolescentes	Selma de Paula Sousa Sá	Vol. 7 2001
O Suicídio na adolescência: um estudo introdutório	Ana Maria Monte Coelho Frota	Vol. 4 1998 ^a
Do herói dos contos de fadas ao herói de si mesmo: discutindo a adolescência	Ana Maria Monte Coelho Frota	Vol. 4 1998 ^b

Fonte: Do Autor

A primeira edição da Revista da Abordagem Gestáltica (RAG) é de 1995. Ela era editada a partir dos Encontros Goianos da Abordagem Gestáltica, com a frequência de uma edição anual. A partir de 2006, a revista passa a ter duas edições anuais e não são mais elaboradas a partir dos Encontros Goianos. As edições a partir de 2007 estão disponíveis na forma eletrônica.

As edições anteriores a 2007 foram obtidas via correios na sede do Instituto Goiano de Gestalt terapia. Entretanto, eles não tinham mais disponíveis as edições números 1, 2 e 11, às quais não foi possível o acesso. Portanto, eventuais artigos sobre a adolescência que possam ter feito parte desses números não serão objeto de análise.

Todos os artigos serão resumidos e analisados na segunda parte (item 4) desta monografia.

2. CONTEXTUALIZANDO O FENÔMENO DA ADOLESCÊNCIA

2.1 Evolução histórica do conceito

Como dito anteriormente, a adolescência é fenômeno recente. Segundo Ariés (1973, p. ix), a sociedade da Idade Média “via mal a criança e pior ainda o adolescente”. A infância se resumia ao período de completa dependência. Assumindo algum contorno físico mais considerável a criança era logo misturada ao mundo dos adultos – trabalho e jogos. Assim era o seu aprendizado, longe da família, muito mais vinculado à comunidade.

A criança era percebida como um adulto em miniatura, somente sendo fonte de admiração em muito tenra idade, pelos seus gestos e esgares. Logo depois, era de um certo modo ignorada, passando a viver em *anonimato*. Sua socialização não era atribuição da família nem tampouco o seu aprendizado, já que ela aprendia observando e fazendo junto com os adultos longe do ambiente familiar. A transformação em adulto ou um homem jovem era, portanto, rápida. Da infância direto para vida adulta, assim pode ser resumido.

Para o surgimento da adolescência, duas mudanças se fizeram necessárias: a reestruturação da educação e o novo papel da família, que formam a matriz das modificações que resultaram nas estruturas modernas (ARIÉS, 1973). Com o advento das escolas a criança passa a realizar uma espécie de quarentena antes de sua entrada no mundo adulto. A família, por sua vez, paulatinamente começa a se organizar como uma sociedade de afetos, contrapondo-se a uniões matrimoniais realizadas anteriormente por questões de honra e patrimoniais.

Ao aplicar essa perspectiva para a realidade brasileira, Del Priore (1999) afirma que as conclusões de Ariés devem, isto sim, instigar o historiador brasileiro a procurar suas próprias

indagações, pois, entre nós, tanto a escolarização quanto à emergência da vida privada chegaram com grande atraso.¹

Desde a Antiguidade faz-se referências ao caráter questionador e desafiante do jovem em relação aos valores prevaletentes nas sociedades. Aristóteles (apud OLIVEIRA, 2006, p. 428), já “acusava os jovens de apaixonados e capazes de se deixar arrebatados por impulsos mesmo quando se imaginavam guiados por aspirações nobres”.

Afirmção muito semelhante também está presente em Rousseau, em cuja obra *Émile ou da educação*, faz referência à transição da infância à adolescência, comparando-a a uma passagem da bonança à tempestade, advertindo-nos “sobre as mudanças de temperamento, acessos frequentes de raiva, uma mente completamente inquieta, tornam a criança quase incontrolável” (s/d, apud OLIVEIRA, 2006, p. 428).

2.2 Compreendendo o fenômeno da adolescência pela teoria do desenvolvimento humano

Esse mesmo viés de compreensão em relação ao adolescente é de certa forma preservado e mantido em épocas não tão distantes, por meio do desenvolvimento da psicologia. A introdução do tema da adolescência na psicologia deve-se a Stanley Hall, considerado o “pai da psicologia da adolescência”, que em 1904 lançou nos Estados Unidos um livro dedicado ao assunto. Nesse livro, Hall divide a evolução do indivíduo em fases ou etapas, apresentando também a teoria da recapitulação, que estabelece que a história da espécie humana compõe a estrutura genética dos indivíduos. Assim, segundo Muuss (1976), por exemplo, ao engatinhar o bebê está repetindo o estágio animal de tempos primitivos da espécie humana, até atingir os modos recentes e civilizados que caracterizam a maturidade da época moderna.

O autor enfatiza que o desenvolvimento humano é compreendido como resultado da força exercida por fatores fisiológicos, sendo a adolescência um período que vai desde a puberdade, aos 12 ou 13 anos, até os 22 ou 24 anos, quando o indivíduo atinge plena maturidade. O adolescente era apresentado como irritado, contraditório, ansioso e estressado,

¹ Isto deve-se ao fato de que inicialmente o Brasil fez parte de um sistema colonial e, posteriormente, encetou um processo de industrialização tardia, sempre desempenhando um papel periférico em relação ao contexto de que fazia parte. Nesse sentido, na sociedade brasileira, *sem a presença de um sistema econômico que exigisse a adequação física e mental dos indivíduos a essa nova realidade, não foram implementados os instrumentos que permitiriam a adaptação a este novo cenário* (DEL PRIORE, 1999, p. 10).

alternando esses comportamentos com períodos depressivos. Hall apresentava a adolescência como uma etapa de **Sturm und Drang** (“tempestade e tensão”). Esse termo foi tomado de empréstimo da literatura alemã, cujos autores e escritos do fim do século XVII apresentavam, na opinião de Hall, muitas semelhanças com o comportamento adolescente.

Conforme Muuss (1976), a teoria psicanalítica do desenvolvimento adolescente também a enquadra como um período filogenético, pois Freud afirmou que o indivíduo, em seu desenvolvimento psicosssexual, sofre de influências decorrentes de experiências anteriores da Humanidade e que esses fatores são relativamente independentes de questões ambientais. Corroborando essas afirmações lembremos que para Freud o Complexo de Édipo é um fenômeno universal.

Pela teoria de desenvolvimento concebida por Freud, a adolescência corresponde ao quinto e último estágio evolutivo do ser humano, o estágio genital². Segundo Biaggio (1975, p. 108), para Freud, nessa época, “o indivíduo atinge a maturidade genital, no caso de desenvolvimento normal. A fixação em qualquer dos estágios anteriores leva a comportamentos ou traços de personalidade considerados anormais”.

Uma outra teoria sobre o período adolescente com grande repercussão é a Teoria da Identidade, do psicanalista Erik Erikson, que modifica e altera as interpretações de cunho psicanalítico em pontos importantes. Para Erikson (apud MUUSS, 1976), a adolescência é um período em que uma identidade dominante e positiva do ego deve se instalar no indivíduo. Também deu notável ênfase aos processos culturais pelos quais passa o indivíduo, atribuindo-lhes valor determinante em sua conformação, afastando um pouco a importância de fatores genéticos e deterministas presentes no período anterior. Essa característica da abordagem eriksoniana é ressaltada por muitos gestalt-terapeutas.

Conforme Biaggio (1975), Erikson dividiu o período do desenvolvimento humano em oito estágios, denominados como crises. O estágio da adolescência é o de número 5, caracteriza-se por uma crise de “adoção identidade” versus “difusão de papéis”, em que o desenvolvimento saudável afirma a identidade do ego, frente a diversidade e ampliação de papéis que são ofertados no período da adolescência que podem, em sentido contrário, perturbar, paralisar ou prejudicar suas escolhas.

Mas a principal contribuição de Erikson (apud MUUSS, 1976), e que ainda é muito presente nos dias atuais, é que a adolescência é um período de moratória, período no qual o adolescente após atingir muitos dos requisitos exigidos pelo mundo adulto, ou pelo ao menos

² Os outros estágios são: oral, anal, fálico e de latência. A evolução ocorre pelo deslocamento da libido de partes do corpo e de objetos incestuosos “para objetos heterossexuais e não incestuosos”. (BIAGGIO, p. 108)

estar apto para por eles competir, vê postergada a sua possibilidade de exercê-los. Nesse sentido, assim se exprime o psicanalista Calligaris (2000, p. 15-16):

Em outras palavras, há um sujeito capaz, instruído e treinado por mil caminhos – pela escola, pelos pais, pela mídia – para adotar os ideais da comunidade. Ele se torna um adolescente quando, apesar de seu corpo e seu espírito estarem prontos para a competição, não é reconhecido como adulto. Aprende que, por volta de dez anos, ficará sob a tutela dos adultos, preparando-se para o sexo, o amor e o trabalho, sem produzir, ganhar ou amar; ou então produzindo, ganhando e amando, só que marginalmente.

Nesse contexto, o “tormento” adolescência é compreendido como um estágio incontornável do processo de desenvolvimento humano, decorrente, em grande medida, da explosão hormonal. Portanto, as crises e rebeldia do adolescente seriam então acontecimentos normais e até certo ponto desejáveis para o amadurecimento saudável dos indivíduos. Desse modo, é lançado um olhar de desconfiança para pessoas que passam pela adolescência sem grandes questionamentos e assim amadurecem e evoluem.³

Com relação à compreensão do desenvolvimento humano, na perspectiva da Gestalt-terapia, Aguiar (2015) afirma a existência de duas posições contrapostas. De um lado, os defensores da existência de uma teoria do desenvolvimento, pois a Gestalt-terapia seria fortalecida em seus pressupostos. De um outro, os contrários, pois a Gestalt-terapia não precisaria de uma teoria do desenvolvimento já que não entende o crescimento humano por estágios sequenciais de caráter universal. Por esse aspecto, procurar uma teoria do desenvolvimento para a Gestalt-terapia estaria muito mais vinculado a uma crença de que “qualquer abordagem consistente do ser humano deve ter uma teoria do desenvolvimento do que a uma real necessidade” (MUUSS, 1976 apud AGUIAR, 2015, p. 45).

Após discernir sobre vários pontos de vista das teorias do desenvolvimento, Aguiar (2015, p. 49) entende que a Gestalt-terapia traz em si mesma uma crítica às teorias do desenvolvimento que reduzem, determinam e naturalizam os seres humanos. Citando McConville (apud AGUIAR, 2015), conclui que a Gestalt-terapia, a partir de sua concepção do homem e de mundo processual, relacional e de campo, ela já contém um teoria do desenvolvimento humano por meio de conceitos de autorregulação orgânica e do ajustamento criativo citado por Perls, Hefferline e Goodman (1997), não precisando desenvolver outra teoria específica de desenvolvimento.

³ De um certo modo, é lançado um olhar de desconfiança para aqueles que passam pela adolescência sem grandes percalços. Uma das marcas dessa crise é a rebeldia, que é assim referida: “sem rebeldia e sem contestação não há adolescência normal [...] o adolescente submisso é que é a exceção à normalidade”. (OSÓRIO apud OZELLA, p. 19)

Desse modo, quando se afirma a singularidade de cada ser humano na Gestalt-terapia, não se sublinha aquilo que ele tem em comum com outros seres humanos, pelo simples fato de que “não o reduzimos a essas regularidades, mas o compreendemos como base na configuração total alcançada pela articulação entre elas e suas especificidades.” (AGUIAR, 2015, p. 49)

Essa compreensão é de fundamental importância para a análise de temas relacionados à Gestalt-terapia, notadamente os que tratam da adolescência, fase do desenvolvimento humano repleta de regularidades naturalizadas e de lugares-comuns que acabam por estabelecer padrões de condutas generalizados que fazem parte do imaginário social e que são muitas vezes inaplicáveis a determinados contextos dos indivíduos

3. GESTALT TERAPIA, ADOLESCÊNCIA E CONTEMPORANEIDADE

3.1 A abordagem gestáltica da adolescência

A Gestalt-terapia foi elaborada a partir dos trabalhos de Frederick Perls e diversos colaboradores, com influências determinantes de diversos campos do conhecimento humano. É parte imprescindível de sua estrutura a determinação de uma visão de homem. Nesse sentido, são partes integrantes da Gestalt-terapia, a psicologia da Gestalt, a teoria de campo de Kurt Lewin e as teorias organísmica e holística. Como visão de mundo, está embasada nas correntes filosóficas do Humanismo, da Fenomenologia e do Existencialismo. A Psicanálise também compõe a sua base epistemológica. Sua obra inicial foi a publicação do livro de Perls, de 1942, **Ego Fome e Agressão**, consolidando-se com a edição da obra **Gestalt-terapia**, em 1951, de Perls, Hefferline e Goodman (PHG)⁴.

Para a Gestalt terapia, abordagem que privilegia o enfoque relacional, não há sentido em se falar do eu sem falar do outro. A relação é a base da existência. Nesse sentido, afirma Antony (2013, p. 128),

Viver é conviver. Existir é coexistir. Sem envolvimento com o outro não há sentido para o eu – sua existência se torna vazia. Estamos sempre diante de outro ser, regulando-nos no encontro. É na fronteira do contato que as experiências afetivo-emocionais acontecem, e é nessa troca intersubjetiva que tem início a formação da identidade, processo que envolve o reconhecimento do não eu e do outro em suas diferenças e semelhanças.

⁴ Conforme Helou, Fádua. **Frederick Perls, vida e obra – em busca da Gestat terapia**, e Ribeiro, Jorge Ponciano. **Gestalt terapia – refazendo um caminho**.

No enfoque da Gestalt terapia, o indivíduo tende naturalmente para o equilíbrio, tendo uma capacidade inata para autorregular-se. Seu crescimento decorre do processo de ajustes com o meio, que se realizam na fronteira de contato. Quando esses ajustes promovem o crescimento são chamados de ajustes criativos funcionais. Quando, em sentido contrário, promovem a fixidez, não permitindo ao indivíduo os benefícios da fluidez que lhe é inerente, os ajustes são chamados de tóxicos, introjeções ou ajustes criativos disfuncionais.

Nesse sentido, o indivíduo vive inserido no campo organismo/ambiente. Ali ele se constitui e é constituído. O encontro entre o indivíduo e as partes do meio que lhes são próprios é chamado de contato e o lócus onde se realiza esse encontro de fronteira de contato. A consciência (*awareness*⁵) dessa fronteira, suas possibilidades e seus limites são necessárias ao processo de evolução do indivíduo.

Nesse contexto, Antony (2013, p. 130) distingue os seguintes marcos existenciais da adolescência:

Ampliação da consciência da existência como um todo integrativo (corpo – mente – outro – ambiente);
 Redefinição da fronteira do self (formas de autoexpressão) e das fronteiras do ego (escolhas de identificação e rejeição com a personalidade em definição);
 Reorganização das fronteiras de contato (reconstrução da relação com o outro, com o grupo, com os pais);
 Oposição aos introjetos familiares e sociais; e
 Libertação da confluência familiar (abandonando o vínculo de dependência infantil)

Para Pinheiro (2016, p 97), o atendimento do gestalt-terapeuta deve voltar-se “para a dinâmica dos acontecimentos em momento da vida do adolescente. Ele deve usar um modelo descritivo e não explicativo, ou seja, procura investigar o que está acontecendo com o cliente e como está acontecendo”. O psicólogo deve apresentar uma postura interessada, acolhedora, abandonando os conhecimentos anteriores, com foco no que o cliente manifesta no momento, *no aqui e agora* da relação terapêutica.

A autora afirma que a Gestalt terapia não é uma terapia de ajustamento mas de autorregulação, significando isso que ela busca o desenvolvimento dos próprios recursos do cliente. Ressalta que uma das principais formas de crescimento se dá por meio da ampliação da consciência (*awareness*), no sentido de que o adolescente *consiga aceitar e assumir a*

⁵ A *awareness* é um dos conceitos principais da Gestalt terapia. Ele se refere a uma consciência plena do indivíduo, envolvendo-o em sua totalidade corporal, psicológica e ambiental.

responsabilidade por suas próprias escolhas, acreditando em si mesmo (PINHEIRO, 2016, p. 97).

Nesse mesmo sentido apontam Zanella e Antony (2016, p 107), que afirmam que a psicoterapia com adolescentes

deve ser orientada para as temáticas específicas trazidas por esse público, identificando e explorando a figura dominante do ciclo de formação figura e fundo ligado aos seus desejos e necessidades. O adolescente, como criança, vive o presente, o problema imediato, por isso a terapia terá mais êxito se focalizar o aqui e agora do processo terapêutico e da vida atual do adolescente, voltando-se para a *awareness* de seu funcionamento mente-corpo-ambiente.

3.2 A compreensão da adolescência na contemporaneidade pela Gestalt terapia

A sociedade contemporânea apresenta um conjunto de mudanças na vida humana em uma escala sem precedentes, provocando grandes rupturas no modo de ser dos indivíduos, trazendo alterações substanciais na maneira de se pensar a adolescência.

Segundo Bauman (2010, apud BRITO, 2017), a sociedade contemporânea caracteriza-se pela ausência de referências estáveis, valorização do efêmero e a facilidade e incentivo para o descarte de bens e de relações humanas. Nada é estável, tudo nasce para durar pouco. Bauman (2010) criou o termo modernidade líquida para se contrapor a modernidade atual à modernidade anterior, considerada a sólida, onde o homem disfrutava de certezas que lhe davam certa estabilidade proporcionada por estados, família, religiões e instituições, que, se lhe retiravam frações de sua liberdade, garantiam-lhe um clima de segurança. Em síntese, trocava a liberdade pela segurança.

Na modernidade líquida essa segurança é rompida, emergindo o individualismo exacerbado, trazendo junto o consumismo e o hedonismo, como ideal a ser perseguido. O “ter” passa a prevalecer sobre o “ser”. Nesse contexto, o indivíduo tende ao isolamento, pois desaparecem os laços comunitários e em seu lugar emergem os laços virtuais, que tanto se conectam quanto de desconectam facilmente. O indivíduo não vive mais uma vida comunitária. Em consequência, a insegurança nos relacionamentos predominam nas relações sociais. O mundo da modernidade líquida vive a emitir sinais contraditórios, propenso a mudanças bruscas e inusitadas. (BAUMAN, 2010)

Outras observações sobre a contemporaneidade são retiradas da clínica A frouxa presença dos pais retira dos adolescentes o porto seguro em quem se espelhar, a aceitação das regras de convivência social (ZANELLA; ZANINI, 2013). Em sentido contrário, os pais

também estão carregados de dúvidas e incertezas, que assumem posições, percebidas pelo filho adolescente como antagônicas e que dificultam o exercício de sua atuação, “ao tempo em que constata-se que os adolescentes se mostram bem mais dependentes dos pais e da sociedade que em gerações passadas, por isso a liberdade tem um novo significado: a falta total de limites”. (ZANELLA; ZANINI, 2013, p. 67)

Também é feita pelas autoras referências ao uso da Internet, que possibilita a experiência de contatos virtuais que no dia a dia da convivência podem ser encarados como impossíveis ou mais difíceis. Nesse contexto, o adolescente tímido pode esconder-se por trás de um personagem fictício que corresponde justamente ao seu lado oposto.

Mas a Internet pode ser vista por outros ângulos, mais propositivos no contexto do crescimento pessoal. Assim é que sua utilização como meio de contato e ampliação da *awareness* é perfeitamente viável como um recurso de facilitação da comunicação entre o cliente e o terapeuta (ZANELLA; ZANINI, 2013)

Outro aspecto a ser ressaltado é sobre os sinais contraditórios emitidos pela sociedade contemporânea. Brito (2017) repara que, de um lado, incentiva-se o hiperconsumo da alimentos, implicando em compulsão alimentar e obesidade; por um outro, essa mesma sociedade, incentiva a magreza como ideal corporal, incrementando, em sentido contrário, a indústria de produtos fitness e dietéticos.

O corpo é outro ponto em questão. É por meio dele que se realiza o contato organismo-meio, essencial no processo gestáltico. Conforme Alvim (2017), com o predomínio das imagens nas representações ocorre um desvirtuamento do real, acarretando uma *desmaterialização do eu*. Com efeito, a vida foi invadida por uma série de artefatos, drones, câmeras, Internet, celulares e outros, que devassam a vida individual, prejudicando a fronteira de contato, ou fazendo-a acontecer com base em imagens que não correspondem ao real.

Nesse sentido, continua a autora (ALVIM, 2017, p. 62), “sem os limites concretos do corpo material, vulnerável e mortal, do tempo e do espaço, contingentes, do outro que nos desafia sempre com sua diferença, o eu parece adquirir ‘superpoderes’. Poderíamos propor aqui que o ‘eu posso’ se amplifica também como ficção do eu”.

Assim, o hedonismo, com sua rejeição a qualquer forma de sofrimento e tão cultuado pela sociedade contemporânea, é comparado com o bem estar psicológico referido pela Gestalt-terapia. Nas palavras de Cardella (2017, p. 185)

na perspectiva gestáltica, então, bem-estar nada tem a ver com hedonismo ou masoquismo, com individualismo, conformismo ou puritanismo, mas com a capacidade de responder também às dores que acompanham o crescimento, encarando-as com honestidade e abertura, ou seja, com responsabilidade.

Outro tema trazido ao debate é o do excesso de estímulos existentes nas sociedades contemporâneas (FERNANDES, 2013). Nesse sentido, a existência de estímulos em demasia atrapalha a identificação e escolha de objetivos factíveis aos quais o adolescente concentre sua energia e consiga mobilizar-se para alcançá-los.

Todos esses temas são trazidos pelos artigos que serão analisados adiante, alguns inclusive já mencionados. Como abordagem que privilegia os ajustes feitos pelos indivíduos no contexto da relação organismo-ambiente como determinantes do crescimento pessoal, a Gestalt terapia enfatiza os efeitos da contemporaneidade como fundamental à análise da temática adolescente. A supremacia do “ter” em relação ao “ser”, a pressa das pessoas, a velocidade das transformações, a ausência de limites, a contradição dos apelos sociais, os ideais corporais, o hedonismo e, principalmente, a ausência de valores estáveis e de seus respectivos rituais de transmissão, se colocam entre os grandes problemas do viver adolescente na contemporaneidade.

4. GESTALT TERAPIA E ADOLESCÊNCIA NOS ARTIGOS DA RAG E REVISTA IGT NA REDE

Os artigos estão agrupados por grupos temáticos e assim serão resumidos e analisados. Os três primeiros subitens (4.1 a 4.3) referem-se a temática mais abrangente, não fazendo alusão a um tema ou sintoma específico da vida adolescente. Cada subitem analisa um só artigo. A partir do item 4.4, as análises se dedicam a temas específicos da adolescência, podendo conter um ou mais artigos. O quadro a seguir ajuda o entendimento.

Quadro 3 – Artigos abordados em cada grupo temático.

Item	Grupo temático	Artigo(s)
4.1	Adolescência: fenômeno singular e de campo	BARONCELLI, Lauane. Adolescência: fenômeno singular e de campo. RAG , v. 18, n. 2, dez 2012.
4.2	Gestalt no atendimento a adolescentes	SÁ, Selma de Paula Sousa. Gestalt no atendimento a adolescentes. RAG , n. 7, 2001.
4.3	Adolescentes e adulescentes na contemporaneidade	LIRA, Nara Teixeira Soares. Adolescentes e Adulescentes na Contemporaneidade. Revista IGT na rede . v. 7, n. 12, 2010.
4.4	Ansiedade na adolescência	PINTO, Ênio Brito. Ansiedade na adolescência. RAG , v. XII, n. 2, dez 2006.
4.5	Gestalt terapia e relações familiares	SILVA, Rosimeire Viana Barbosa da. Os conflitos de fronteira de contato entre pais e filhos adolescentes. Revista IGT na Rede , v. 12, n 22, 2015. MELO, Lucylle Fróes de. Uma visão fenomenológica sobre os limites da adolescência. Revista IGT na Rede , v. 2, n. 2, 2005. FERNANDES, Myrian Bove. A consulta clínica com pais de adolescentes em Gestalt-terapia. In: ZANELLA, Rosana (org). A clínica gestáltica com adolescentes: caminhos clínicos e constitucionais . São Paulo: Summus, p. 41-57, 2013.*
4.6	Adolescência, suicídio e autolesão	FROTA, Ana Maria Monte Coelho. O suicídio na adolescência: um estudo introdutório. RAG , n. 4, 1998a. AZEVEDO, Ana Karina Silva; DUTRA, Elza Maria do Socorro. Relação amorosa e tentativa de suicídio na adolescência: uma questão de (des)amor. RAG , v. 18, n. 1, jun. 2012. COUTO, Damiriane Lino, CUNHA, Luane Seixa Pereira. Marcas na Pele: a autolesão sob a ótica da Gestalt terapia. Revista IGT na Rede , v. 14, n 27, 2017.
4.7	Gestalt terapia e transtornos alimentares na adolescência	NUNES, Arlene Leite; HOLANDA, Adriano. Compreendendo os transtornos alimentares pelos caminhos da Gestalt-terapia. RAG , v. 14, n. 2, dez 2008. CARVALHO, Mariane Lima de; LIMA, Deyseane Araújo. Anorexia em adolescentes sob a ótica da Gestalt terapia. Revista IGT na rede , v. 14, n. 26, 2017.
4.8	Gestalt terapia, adolescência e somatização	BRITO, Luanny Tomaz; AZEVEDO, Ana Karina Silva; OLIVEIRA, Luciana Carla Barbosa de. Considerações fenomenológico-

		hermenêuticas acerca da somatização na adolescência: um estudo de caso. RAG , v. 21, n. 2, dez 2015.
4.9	Gestalt terapia e Adolescentes em conflito com a lei	LEAO, Nara Cristina. Incríveis infratores: adolescentes estigmatizados em encontro com a Gestalt-Terapia. RAG , v. 13, n. 1, jun. 2007 VIEIRA, Maria Aparecida Dias. Interrupção do diálogo: um estudo com adolescentes infratores. RAG , n. 8, 2002. ANTONY, Sheila. O adolescente com transtorno de conduta - a carência afetiva atrás da violência. In: ZANELLA, Rosana (org). A clínica gestáltica com adolescentes: caminhos clínicos e institucionais . São Paulo: Summus, 2013, p 115-150.*
4.10	Gestalt terapia e a dor oncológica	SIQUEIRA, Hilze Benigno de Oliveira Moura et al. Percepção de adolescentes com câncer: pesquisa fenomenológica. RAG , v. 21, n. 1, jun 2015
4.11	Os limites entre a proteção e o respeito à convivência familiar	SANTOS, Tatiana Queiróz de Almeida. Direitos da criança/adolescente: limites entre a proteção e o respeito à convivência familiar. Revista IGT na Rede , v. 10, n 18, 2013.
4.12	Adolescência e trânsito	SOBRINHO, Elizabele Marinho. Adolescência e trânsito. Revista IGT na rede , v. 7, n. 12, 2010

Fonte: Do autor

*Esses artigos não pertencem às duas revistas que foram as principais fontes analisadas, mas sim ao livro “A clínica gestáltica com adolescentes” organizado por Zanella.

4.1 Adolescência: fenômeno singular e de campo

O artigo de Baroncelli (2012) procura desqualificar as concepções naturalizantes oriundas de determinadas abordagens psicanalíticas, e referidas anteriormente, articulando algumas leituras da adolescência pela ótica da análise histórico-cultural ou sócio-histórica, de Vigotsky⁶ e seguidores, com o embasamento teórico da Gestalt terapia. Para a autora, a relação indivíduo-contexto justifica essa articulação.

Para Baroncelli (2012), que também articula a teoria histórico-cultural com a teoria de campo de Kurt Lewin, uma das bases teóricas da Gestalt-terapia, a adolescência é um

⁶ A abordagem pela ótica histórico-cultural da adolescência conta com certa tradição na psicologia brasileira, em que se destacam os trabalhos de Bock (2008) e Ozella (2007). Para esses autores, as concepções naturalizantes foram concebidas para o indivíduo europeu e norte-americano burguês, atendendo a requisitos de sua sociedade. Portanto, é um erro universalizar esses conceitos. Na verdade, cada sociedade constrói a sua adolescência, não cabendo interpretações que valorizem o componente biológico em detrimento dos aspectos históricos e culturais.

fenômeno singular e de campo. Com isso ela quer dizer que cada indivíduo é único e somente pode ser compreendido se examinado dentro do campo do qual faz parte - o espaço vital de Lewin (1939, apud RIBEIRO, 2012). Assim, discorda das teorias do desenvolvimento humano que a enquadram como uma etapa evolutiva em direção à maturidade e desconsideram ou conferem pouco relevância a fatores ambientais, sociais e históricos.

A relação organismo-campo é enfatizada por Baroncelli (2012). Para ela, o adolescente, como ser-no-campo, vai constituir-se e expandir suas fronteiras de contato, exigindo ajustes criativos funcionais para sua inserção ao meio. Portanto, a noção de campo-organismo-ambiente apresentada pelos fundadores da Gestalt terapia em sua obra seminal é trazida para ilustrar seu entendimento (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997 apud BARONCELLI, 2012, p 191):

Em toda e qualquer investigação biológica, psicológica ou sociológica temos de partir da interação organismo-ambiente. Não tem sentido falar, por exemplo, de um animal que respirar sem considerar o ar e o oxigênio como parte da definição deste, ou falar de comer sem mencionar a comida (...) Não há uma única função, de animal algum, que se complete sem objetos e ambientes (...). Denominamos esses interagir entre organismo e ambiente em qualquer função o “ campo organismo/ambiente e lembremo-nos de que qualquer que seja a maneira pela qual teorizamos sobre impulsos, instintos, etc., estamos sempre nos referindo a esse campo interacional e não a um animal isolado.

Muuss (1996, apud BARONCELLI, 2012), afirma que para Lewin as leis psicológicas só podem ser verdadeiras em termos de probabilidades. A análise da adolescência de Lewin (1939, apud BARONCELLI, 2012, p. 192) “propõe, portanto, explicar e descrever a dinâmica de comportamento de quem vivencia o período sem apostar em uma generalização possível para a adolescência enquanto grupo.” Desse modo, comportamentos possíveis e às vezes reais são transformadas equivocadamente em leis psicológicas.

Nesse contexto, Lewin (1939, apud BARONCELLI, 2012), embora perceba a adolescência como sempre diferenciada para cada indivíduo, admite regularidades no espaço de vida do adolescente. Nesse contexto, ele conhece mais pessoas, amplia-se o espaço mais restrito da criança e adquire mais recursos cognitivos, sociais, físicos e de linguagem para contatar o ambiente e a si mesmo. Entretanto, a proposta lewiniana leva “em consideração o caráter dinâmico e sempre particular do ambiente no qual as mudanças ocorrem e, ainda, as diferentes formas de sensibilidade e formas de ação.” (BARONCELLI, 2012, p. 192)

Isso significa que na análise de Lewin o ambiente não se restringe à totalidade dos fatos, mas também inclui o ambiente tal como é percebido pelo indivíduo, em consonância com as suas próprias necessidades momentâneas. Com assinala Evangelista (2010, apud

BARONCELLI, 2012, p.192), “o “meio”, na Teoria de Campo, é o “meio fenomenológico”, isto é, o ambiente tal como a pessoa o experimenta e não como uma presença objetiva”. Formam, portanto, o indivíduo e o ambiente um todo inextrincável, sem o qual nenhuma análise terá validade, conforme a ótica gestáltica.

Outra das concepções naturalizadas criticado pela autora é a que aponta que a criança é um mero receptor de comandos dos adultos, incapaz de assimilação pois é destituída de uma fronteira de contato ou tem ela muito incipiente. Com base em Aguiar (2005, apud BARONCELLI, 2012), ressalta que a capacidade de diferenciação existe desde a infância, quando a criança é capaz de rejeitar ou digerir introjeções familiares, iniciando seu processo de construção de sua fronteira de contato, “processo esse que continuará a se aperfeiçoar ao longo do tempo” (BARONCELLI, 2012, p. 193).

Portanto, a Gestalt terapia não acolhe a ideia de que adolescência é um simples posto de passagem entre uma infância paradisíaca e a vida adulta, a maturidade, em que esta é o objetivo a ser alcançado. Ainda mais quando a vida adulta, na contemporaneidade, seus valores e comportamentos, vêm mudando constantemente a uma grande velocidade. Portanto, a maturidade pode cair no vazio (BARONCELLI, 2012).

Segundo a autora, os homens possuem a capacidade de ajustar-se criativamente ao meio, considerando o seu desenvolvimento biológico, cultural, de classe social e da época em que vivem, “podendo lidar criativamente com isso, escolhendo e criando a si mesmo continuamente” (BARONCELLI, 2012, p. 194). O ajustamento criativo, a pedra de toque da Gestalt-terapia, “pode ser definido como o processo pelo qual o existente se relaciona com o meio criativamente na busca de equilíbrio através de recursos disponíveis no campo” (RIBEIRO, 2006 apud BARONCELLI, 2012, p. 193).

Assim, no caso específico do adolescente, ele sempre procurará equilibrar-se entre as possibilidades que possui e o contexto em que está inserido. Alguns ajustamentos podem demonstrar fluidez frente às novas necessidades; enquanto outros ajustamentos criativos podem revelar rigidez frente a essas novas necessidades.

Desse modo,

Se o trânsito entre a vivência do “campo infantil” para o “campo adolescente” pode, por um lado, constituir uma experiência de crise, por outro, a busca de si mesmo pode assemelhar-se mais a uma progressiva exploração de papéis e potenciais escolhas (que pode inclusive ter começado paulatinamente desde a infância) do que uma repentina busca sofrida e angustiante por si mesmo (BARONCELLI, 2012, p. 194).

Portanto, e de acordo com a Gestalt terapia, a adolescência é singular e única para cada indivíduo, não podendo ser interpretada aprioristicamente como um período de crise.

4.2 Gestalt no atendimento a adolescentes

Para Sá (2001), o adolescente se defronta com uma pergunta que o define: “quem sou eu?”. Este é o sentimento mais presente em seu ser. O adolescente é tomado por uma incomensurável onda de mudanças, que o fragilizam, sofrendo inúmeras influências da família e do meio, passando a se sentir estranho pois não consegue compreender o que está acontecendo consigo.

Ele se defronta com mudanças corporais, psicológicas e sociais, sendo a adolescência uma etapa evolutiva peculiar ao ser humano. Por isso, não se pode compreender a adolescência “estudando separadamente os aspectos biológicos, sociais e culturais. Eles são indissociáveis e é justamente o conjunto de suas características que confere unidade ao fenômeno da adolescência.” (OSÓRIO, 1989 apud SÁ, 2001, p. 66)

A autora recorre à psicanálise para demonstrar que a adolescência pode ser entendida como um período de luto: luto pelo corpo infantil perdido, luto pelo papel e identidade infantis, luto pelos pais da infância e luto pela bissexualidade infantil. (ABERASTURY; KNOBEL, 1981 apud SÁ, 2001). A situação se torna mais complexa, caso os pais tenham dificuldade em elaborar os seus próprios lutos, quais sejam: luto pelo filho pequeno, luto pela identidade da criança e luto pela relação de dependência infantil.

Sá (2001) também faz referência à autoestima, pois se o jovem desenvolve uma boa autoestima desde a infância, a adolescência transcorrerá prazerosamente. Ao contrário, se a autoestima não é desenvolvida na infância, a adolescência será um período de crise.

A fenomenologia e a teoria do contato são as molas mestras do enquadre gestático preconizado pela autora. Nesse sentido, deve ser utilizado o que o adolescente traz, enfocando o momento vivencial do cliente, dando preferência ao processo do que o conteúdo. O “como está ocorrendo” é mais importante do que o “porque está ocorrendo”. A empatia é de fundamental importância para o sucesso da intervenção terapêutica, pois o adolescente não aceitará um terapeuta pelo qual não sinta simpatia nem confie. O próprio terapeuta deverá ter seus próprios conflitos resolvidos ou pelo ao menos ter consciência deles.

Devem ser realizadas reuniões frequentes com os pais do adolescente, e este deve obrigatoriamente participar. O terapeuta não deve fazer qualquer julgamento sobre o adolescente ou sua família. Deve sim acolher a todos em suas singularidades. Ainda segundo

Sá (2001), a comunicação com o adolescente deve sempre ser observada, pois há períodos ou tipos de adolescentes que encontram dificuldades em sua comunicação verbal. Nesse caso, deve se recorrer a jogos e desenhos, ou mesmo uma atividade mista, em que se combinem diálogos e atividades lúdicas.

No contexto da comunicação, é importante que o terapeuta se atualiza, frente a cada cliente, para entender os conteúdos manifestos de suas expressões. Mas, “é importante que o terapeuta ao ouvir uma gíria pergunte o significado mas nunca deve usar este vocabulário, pois o adolescente pode se sentir invadido.” (SÁ, 2001, p. 76).

4.3 Adolescentes e adultescentes na contemporaneidade

Analisando a questão do período final atribuído a adolescência, Lira (2010) afirma que, na contemporaneidade, não tem mais data fixa para acabar, prolongando-se indefinidamente. Conforme a autora, “estamos vivendo em um admirável mundo *teen*, uma época em que não há conflito de gerações, pois, diferentemente das gerações anteriores, que se opunham aos pais em tudo, os adolescentes de hoje cultuam os mesmos valores destes.” (CORSO, 2000 apud LIRA, 2010, p. 20)

Isso é decorrência do fato de que estamos todos vivendo em um mesmo campo, onde o sistema econômico, continua a autora (LIRA, 2010, p. 21), “totalmente voltado para o consumo, através da propaganda, influencia as diferentes gerações, que vestem as mesmas roupas, frequentam os mesmo lugares, e possuem desejos semelhantes, quaisquer que sejam sua idade, classe e nível cultural.” Nesse contexto, são entronizados o “ter” e o hedonismo, entendido este como a busca do prazer imediato. Ou seja, se antes o Estado era o mantenedor da unidade necessária ao viver social, hoje é o mercado que sustenta sua manutenção.

Há, portanto, uma nova geração, que vai dos 20 aos 70 anos, para os quais foram criados os neologismos *adultescente* e *Groups*.⁷

4.4 Ansiedade na adolescência

Pinto (2006) relaciona a ansiedade na adolescência como resultado do excesso de liberdade desfrutado na contemporaneidade. O autor inicia o seu texto afirmando que a ansiedade é inerente ao ser humano, necessária ao viver humano, ou seja, a ansiedade é

⁷ Segundo Lira (2010), *adultescente* é o adulto que se recusa a deixar a adolescência e *grups* é um termo que indica a unificação de gerações pelo estilo de vida e comportamentos, que vai dos 20 aos 70 anos.

ontológica. Desse modo, afirma, que a ansiedade é a “vertigem da liberdade” (KIEKEGAARD apud PINTO, 2006). Isso porque liberdade implica em escolha e escolha implica em ansiedade. Portanto, a liberdade de poder escolher é que acarreta a ansiedade, já que alguém sem liberdade também não sentiria a ansiedade, pois não poderia escolher. Portanto, uma vida com liberdade, o que quer dizer, com liberdade de escolhas, é uma vida em estreito contato com riscos, sendo que o maior deles, é o risco de não-ser. E este é uma certeza e o ser é uma aposta.

A ansiedade referida é a ansiedade ontológica, necessária ao desenvolvimento humano. Mas há uma outra ansiedade: a patológica. Esta pode ser “definida como aquela ansiedade desproporcional à ameaça presente [...] aparecendo principalmente de duas formas: na impossibilidade de escolhas e na impulsividade de escolhas.”⁸ (PINTO, 2006, p. 61)

Continuando sua linha de raciocínio, o autor introduz um outro contexto, o da evolução das sociedades capitalistas ocidentais. Desse modo, antes de seu advento havia para o ser humano uma certa predestinação quanto ao seu futuro, havendo na sociedade um lugar predeterminado no mundo que ele ocuparia. Essa prerrogativa passou a ser uma escolha sua, implicando isso em também escolher os seus próprios valores. Essa mudança, verificada ao longo de alguns séculos, trouxe o crescimento da liberdade como valor, suplantando outros valores, como a felicidade, que passou a ser tributária da liberdade. Assim, “se antes a liberdade era pensada como valor, agora a felicidade depende da liberdade” (HELLER, 1985 apud PINTO, 2006, p. 61).

O crescimento vertiginoso desse sentimento contribuiu para que a ansiedade emergisse como um problema de nossa época. Não a ansiedade ontológica, mas a patológica. O adolescente é chamado a tomar decisões (fazer escolhas) quando não dispõe de maturidade para fazê-las. O problema é que sua liberdade é muito maior que sua maturidade, causando muita ansiedade. Desse modo, “o problema não é a maturidade do adolescente, mas na liberdade que lhe é concedida de maneira atabalhoada e precoce, sem que se dê tempo para que ele conquiste sua capacidade de escolha pouco e pouco, para a par com o amadurecimento.” (PINTO, 2006 p. 62).

No mundo globalizado, afirma Pinto (2006), o valor da liberdade obscureceu todos os outros valores necessários à vida em sociedade, como o amadurecer constante e consequente do adolescente, a paciência, a honestidade e demais características compatíveis com um viver saudável, tanto do ponto de vista social, quanto de ponto de vista individual. Nesse contexto,

⁸ Pinto (2016) exemplifica a primeira forma indicando uma pessoa que sequer é capaz de escolher se levantar pela manhã, enquanto a segunda com uma outra que se droga.

o adolescente vive uma situação de grande ansiedade e desamparo. Esse excesso de liberdade é que dificulta a elaboração de ajustes criativos funcionais, que possibilitam a ampliação da *awareness* (BRITO, 2006).

4.5 Gestalt terapia e relações familiares

A Gestalt terapia é uma abordagem de totalidades. Cada totalidade está envolvida em outra totalidade e esta em uma outra, e assim sucessivamente. O adolescente, uma totalidade, está, portanto em estreito contato com várias totalidades, sendo, uma das mais importantes, a sua família. Cada totalidade tem um modo de ser, de atuar em relação às totalidades que com ela se relacionam, formando um feixe de interrelações às quais o terapeuta deve estar atento. A família, então, é uma totalidade das mais importantes na formação do adolescente.

Silva (2015) enfatiza a adolescência como um período em que ocorrem flutuações entre “dependência e independência, em que o adolescente não sabe se é criança ou adulto, vive momentos de extrema dependência dos pais e outros em que se coloca capaz de tomar suas próprias decisões.” (SILVA, 2015, p 56). Ocorre que os pais também experimentarão essas flutuações, na medida em que às vezes não desejam perder sua criança e em outras vão exigir dos seus filhos uma postura adulta.

Em muitos casos, a fronteira de contato entre o adolescente e sua família tende a estar bloqueada, dificultando o contato. Como a adolescência pode apresentar períodos confusos e dolorosos, o adolescente tende a refugiar-se em si mesmo como modo de enfrentamento do futuro. É um momento de reflexão para experienciar a separação dos pais.

Coerente com o que diz na introdução ao seu trabalho, em que com a palavra adolescência é apresentada etimologicamente como sendo a conjugação de *olescer* (crescer), e *adolescere*, que tem origem na palavra adoecer, Silva (2015) desenvolve suas concepções a partir do binômio saúde-doença como elaborado pela Gestalt-terapia.

Aqui a autora inclui o conceito de contato. Contatar é o processo saudável de vida. Desse modo, “contato é saúde, saúde é contato. Qualquer interrupção do contato implica uma perda de saúde (RIBEIRO, 2006, p. 36 apud SILVA, 2015, p. 57) A interrupção do contato, que ocorre na fronteira do contato entre o adolescente e o meio, é um sinal de adoecimento. Nesse caso, o bloqueio do contato pode ocasionar o surgimento de um sintoma, que é ao mesmo tempo uma necessidade de autorregulação. Nesse sentido, o bloqueio funciona como um modo da pessoa se autorregular diante de novas situações mediante suas próprias

possibilidades, independentemente delas serem consideradas como as mais adequadas. Às vezes é a única alternativa disponível do aqui e agora.

Assim, o contato pode estar interrompido entre os pais e adolescentes. Silva (2015) afirma que os recursos disponíveis para o adolescente na forma de autorregulação podem ser entendidos pelos pais como rebeldia e desobediência. Trabalhar esses bloqueios, por meio de uma relação dialógica entre adolescente e pais é tarefa de uma psicoterapia gestáltica bem-sucedida.

Para Melo (2005), a ausência de limites na adolescência é um dos problemas da vida adolescente contemporânea. A colocação de limites tem como finalidade a construção de sua individualidade e identidade. Para a autora, a ausência de limites na educação de adolescentes é devido a inúmeros fatores, destacando-se, a permissividade moral da sociedade, pais ausentes do contexto familiar e o medo das consequências por serem ou se tornarem mais enérgicos.

A ideia de alguns pais de que a liberdade é a melhor resposta para os dilemas apresentados pela adolescência é entendida como ineficaz, e muito comum. Outros pais apontam que o problema é do filho, não aceitando nem mesmo serem questionados.

Assim, “o papel de pai é ser pai” (ZAGURY, s/d apud MELO, 2005). Também cita Escobar (s/d e referência): “os direitos dos pais são diferentes dos direitos e deveres dos filhos, a família não deve ser uma instituição democrática, os filhos devem ser ouvidos, mas a decisão tem que ser dos pais”.

O artigo de Fernandes (2013), do livro organizado por Zanella (2013) chama a atenção para a compreensão diagnóstica. É colocada como imprescindível à psicoterapia, pois propicia ao terapeuta evitar o cometimento de erros primários, como o de sugerir viagem de férias sozinho para adolescentes em depressão. Portanto, fundamental para as intervenções terapêuticas. A compreensão diagnóstica deve ser feita logo nas primeiras sessões.

É importante identificar como os membros da família lidam com suas fronteiras, como as expendem e as retraem – em síntese, como estabelecem contato. Família funcional é aquela que apresenta fronteiras claras, em que todos os membros se reconhecem mutuamente para saber a hora de estar juntos ou separados. As famílias saudáveis têm fronteiras flexíveis, em que se assimila o que é nutritivo e despreza-se o que é tóxico. A liberdade de interações está preservada entre seus membros, sem prejuízo da autoridade, necessária, dos pais.

Identifica as famílias que são impermeáveis a contatos externos, embora entre seus membros não haja fronteiras de contato. Esses sistemas são chamados de confluentes, e famílias com tal funcionamento são denominadas retrofletidas, em que “retrofletir” significa

inverter radicalmente a direção de um fluxo. Assim, “retroflexão é uma resistência que retém a energia e impede a sua expressão”. (ZINKER, 2007 apud FERNANDES, 2013 p. 49)

Nesse caso, a conduta sugerida é a de conectar-se ao sofrimento presente das famílias. Também entra na questão dos valores e do mito familiar e qual a sua contribuição resultante na situação atual. Rever cuidadosamente como esses mitos e valores foram incorporados pela família ao longo do tempo é uma atitude aconselhável.

Outra configuração familiar abordada é a que se intitula de “sistemas frouxos” (BOWLBY, 1979/1997 apud FERNANDES, 2013). Nesse modelo, há como que uma irresponsabilidade generalizada e uma despreocupação “alegre” entre seus participantes, escondendo grande sofrimento. Não há espaço nem tempo para uma preocupação saudável de uns com os outros. Sem ter que dar satisfação a ninguém, adolescentes desse estilo familiar têm uma tendência para deslizar para a delinquência.

Nesse caso, há a sugestão de que o terapeuta verifique se a família não opera no estilo classificado de “apego evitador” (BOWLBY, 1979/1997 apud FERNANDES, 2013). Nesse caso, os adolescentes internalizaram a ideia de que não são merecedores de afeto. O trabalho terapêutico com os familiares é o de detalhar o que os pais vêm fazendo para manter os parcos vínculos familiares, e assim, paulatinamente, vão enxergando os contornos de suas relações familiares e procurando as possibilidades de mudança.

Por um outro lado, quando se percebe que, devido à insegurança dos pais, há um controle exagerado sobre a vida dos filhos, a autora sugere a “hipótese de que foi desenvolvido por ambos (ou por apenas um deles), segundo a teoria do apego, um modelo relacional representado por uma figura de apego ansioso ambivalente”. (BOLWBY, 1979/1997 apud FERNANDES, 2003 p. 41)

A adoção desse modelo indica que somente ele é compreendido como seguro pelos membros da família. Cabe ao terapeuta colocar-se como figura de segurança onde os pais podem se ancorar para poderem arriscar-se na descoberta de novos caminhos.

Outra configuração familiar referida é a que contém aquilo que se convencionou chamar de “adolescência estendida”, um fenômeno típico da contemporaneidade, quando os filhos prorrogam por mais tempo a saída de casa. A alegação geralmente é de que “estou me preparando”. Pais sobrecarregados, filhos sem autoconfiança e com baixa autoestima, permanecem dependentes. Para esses casos, a autora desloca o foco para a psicologia sistêmica, valorizando a relação dialógica. Confirmam-se os membros do grupo até que eles mesmos reconheçam que o modelo em que se encontram prejudica a todos.

A autora também analisa o tema pela ótica do “ciclo do contato”, o que está bloqueado, como abrem e fecham gestaltens, análise típica da Gestalt-terapia. Em síntese, examina-se “o processo de desenvolvimento pessoal grupal nas famílias” (FERNANDES, 2013, p. 45).

Por esse aspecto, se o bloqueio se dá no início do contato, se as figuras não aparecem, detecta-se uma falta de desejo, de encontrar razões para viver. Isso é resultado da sociedade consumista na qual todos estamos inseridos, que geram necessidades artificiais, a fim de mobilizar as pessoas para consumir produtos que prometem felicidade, poder e fama. São tantos os estímulos que acabam por não configurar um objeto com contornos bem definidos, que propicie a mobilização da energia para sua obtenção. O resultado é a paralisação e a interrupção do ciclo do contato. Nesse caso, o trabalho terapêutico deve visar o desentranhamento e liberação dessas figuras, dando ajuda ao adolescente para que consiga estabelecer os contornos dessas figuras. Essa paralisação também pode ocorrer em razão dos pais serem extremamente empreendedores e os filhos apáticos. A recomendação é o trabalho com polaridades.

A interrupção do ciclo do contato também pode ocorrer na fase de intensificação da *awareness*, demonstrando que a comunicação da família está disfuncional, pois não há clareza sobre os desejos, restrições, possibilidades tanto de seus membros quanto do grupo familiar. A pressa da sociedade contemporânea é apontada como a razão desse bloqueio de comunicação. O trabalho terapêutico aconselhado é o aprimoramento das funções de contato, para que as disposições se tornem mais claras para todos.

4.6 Adolescência, suicídio e autolesão

O artigo de Frota (1998) intitulado “O suicídio na Adolescência – um estudo introdutório”, constante do quarto volume, mostra já o interesse da Revista da Abordagem Gestáltica pelos temas da adolescência, no caso a abordagem do suicídio. Com base em Heidegger afirma que “a passibilidade de morrer funda o sentido de viver” (HEIDEGGER, 1996 apud FROTA, 1998a, p. 13). Enfrentar sem disfarces a existência da morte (o não-ser) é contingência necessária ao crescimento humano. Afirma que nas sociedades contemporâneas há grande dificuldade para a aceitação da morte como algo inerente ao ciclo da vida. A compreensão da morte é-nos então usurpada, como se quiséssemos escapar ou fugir das angústias existenciais através de disfarces, implicando uma vida destituída de sentido.

O adolescente vive a perda da infância paradisíaca, das relações parentais protetoras e ter que encarar um mundo que não entende, tendo “a difícil tarefa de descobrir suas próprias ideias sobre a vida, seus ideais e aspirações; além de viverem uma grande desilusão quanto ao mundo dos adultos, cheios de compromissos, digressões e falsos valores” (WINNICOTT, 1963 apud FROTA, 1998a, p. 16).

Nesse sentido, ainda com base em Winnicott (1963), afirma

os púberes não se enganam com a ideia de que os impulsos instintivos sejam tudo, e de fato eles estão preocupados com o ser, com o estar em algum lugar, com se sentirem reais e em adquirir alguma constância objetal. Eles precisam cavalgar os instintos, em vez de serem esmigalhados por eles. (apud FROTA, p 16)

Segundo a autora, digladiam entre si no adolescente o cuidar de seu ser e o desejo de não perder o paraíso. Nessa luta, pode-se tentar o suicídio na expectativa de encontrar segurança, como rever pessoas mortas, ou desejam retornar ao útero materno, onde estão ausentes o medo e a insegurança.

A atuação da Gestalt-terapia, por ser baseada na vida do homem concreto, que privilegia e existência e não a essência, deve esforçar-se para amparar esse adolescente, não escamoteando a dor e o sofrimento, mas, pelo contrário, ajudando-o a encará-los, tentando, fenomenologicamente, aproximá-lo de si mesmo.

Azevedo e Dutra (2012) abordam casos de tentativas de suicídio de adolescentes em razão de desilusão amorosa pela ótica do *self* de Carl Rogers.

Previamente ao desenvolvimento de sua análise, as autoras discutem as diferentes visões do adolescente e da adolescência. Nesse sentido, apontam as divergências de enfoque: “ora tentamos entender cada processo de adolecer como algo único, ora tentamos estabelecer comparações e enquadrá-los em uma categoria geral” (AZEVEDO; DUTRA, 2012, p. 21). Ora os adolescentes são apresentados como rebeldes, inconformados e desafiadores, ora como quietos e tranquilos, encarando a adolescência simplesmente como um período da vida que têm que atravessar.

Por isso há a opção declarada que, diante de uma ampla gama de possibilidade de entendimento, a adolescência deve ser entendida como uma “construção única”. Por essa linha, não há que se falar em adolescência, mas em adolescente (PALACIOS, 1995 apud AZEVEDO; DUTRA, 2012). Nesse caso, essa fase se apresenta de forma única para cada indivíduo, em conexão com a maneira como ele existe no mundo e como se vincula ao contexto sócio-histórico.

As autoras afirmam que a adolescência é a fase de construção da identidade. A opção das autoras é pela teoria eriksoniana, que define “a identidade como um sentimento subjetivo de uma envigorante uniformidade e continuidade” (ERIKSON, 1987 apud AZEVEDO; DUTRA, 2012, p. 21). A adolescência é, portanto, apresentada como uma continuidade, em que os valores e vivência infantis são atualizadas. Entretanto, é uma fase decisiva, em que o jovem opta pela profissão, escolhe os amigos com quem se relacionar e se define a si mesmo para “entrar no mundo” com seus próprios recursos. Além disso, Erikson define a adolescência também como um processo que ocorre tanto no íntimo do indivíduo quanto também como um fenômeno cultural. Ou seja, a partir de duas vertentes que se integram e interagem: a vertente individual e a vertente da coletividade.

Nesse sentido, o adolescente é um indivíduo separado de seu país, e a busca por uma identidade própria é uma busca que envolve ídolos, amizades e valores imersos na cultura. Nesse caso, o valor ideológico é maior do que a experiência de sua própria intimidade (CASSORLA, 1991 apud AZEVEDO; DUTRA, 2012).

Por essa vertente, as autoras identificaram nos quatro adolescentes de sua pesquisa a preponderância de valores da cultura, como o mito do amor romântico, que os levaram a atentar contra sua própria vida. São adolescentes com baixa auto-estima e sem definições realistas de si mesmos. Com base nas reflexões rogerianas do *self*, concluem que eles adotaram o outro (a pessoa que os abandonou) como referência de si mesmos, revelando a incapacidade de se auto-definirem e se auto-corrigirem.

O tema da autolesão é trazido por Couto e Cunha (2017). Para as autoras, após discernir sobre vários contextos, definições e patologias, que diferem entre si, examinando as atitudes que causam danos ou supressão de órgãos do corpo, utilizam o termo autolesão para referirem-se “à conduta de ferir-se de modo intencional, não se tratando de uma tentativa de suicídio, de automutilação desfigurante ou estando vinculada a um sintoma de uma determinada patologia” (COUTO; CUNHA, 2017 p. 238). A autolesão está relacionada à “destruição ou alteração direta do tecido corporal sem intenção suicida consciente, mas que resulte em ferimento suficientemente grave para provocar danos a esse tecido” (GRATZ, 2001 apud COUTO; CUNHA, 2017, p. 238).

Sua maior incidência é sobre mulheres, adolescentes e jovens. Estudos indicam que o início da autolesão dá-se na adolescência, entre os 11 e 15 anos, podendo permanecer por muito mais tempo. Com base em diversas abordagens, as autoras afirmam que a autolesão é uma conduta usada como meio para regular sofrimentos emocionais e relações interpessoais. Nesse sentido, “a autolesão vem mostrar que, para algumas pessoas, a dor na pele não é nada

quando comparada à dor psíquica” (OTTO; SANTOS, 2015 apud COUTO; CUNHA, 2017, p. 238).

A abordagem da temática pela ótica gestáltica enfatiza a fronteira do contato como conceito fundamental, na medida que é lá que ocorre a seleção do que é saudável ou tóxico para o indivíduo. É lá o lócus dos eventos psicológicos, o lugar onde são efetivados os acordos possíveis entre organismo e meio em busca do equilíbrio, os quais se denominam de ajustes criativos. Portanto, a autolesão tem a ver com uma maneira específica frente a uma emoção dolorosa. Desse modo, é através do comportamento autolesivo que

o indivíduo se ajusta aos eventos e emoções que lhe proporcionam dor que ocorrem no mundo externo e são sentidas internamente, é por meio da autolesão que ele busca a homeostase, a autolesão configura-se, portanto, como uma forma de ajustamento do organismo ao meio-ambiente. (COUTO; CUNHA, 2017, p. 248)

Assim todas as vezes que o indivíduo se depara com situações que provocam desequilíbrios emocionais ele pode se autolesar em busca do equilíbrio. Nesse sentido, a autolesão é considerada pela Gestalt-terapia como um ajustamento criativo disfuncional (COUTO; CUNHA, 2017).

Como visto acima, as marcas da autolesão são marcas na pele, e a pele é o invólucro do corpo, é por meio dela que contata-se o ambiente e o outro. É pelo corpo que nos construímos, que fazemos contato e construímos totalidades. As autoras lembram que as lesões são feitas preferencialmente nas pernas e braços, órgãos naturais de locomoção e contato.

O trabalho do gestalt terapeuta com indivíduos que praticam a autolesão não se diferencia dos de outras demandas, focalizar o indivíduo e não o sintoma, visto que este reflete toda a história do sujeito, procurando ampliar sua *awareness* para melhor se relacionar consigo mesmo.

4.7 Gestalt-terapia e transtornos alimentares na adolescência

Segundo Nunes e Holanda (2008), os transtornos alimentares são formados por um conjunto de doenças que afetam principalmente jovens adolescentes do sexo feminino, acarretando imensos prejuízos psicológicos, físicos e sociais. É uma típica doença da sociedade pós-moderna, em que se valoriza o “ter” em detrimento do “ser”, em nome de um corpo longilíneo e delgado como ideal estético.

Para os autores, os mais importantes transtornos alimentares são a anorexia nervosa e a bulimia nervosa. Essas duas formas estão classificadas separadamente tanto pelo DSM IV como pela CID 10. Na anorexia nervosa, o indivíduo vivencia seu peso corporal de forma eminentemente desconexa da realidade, sentindo-se sempre acima do peso e empreende todos os esforços para sua manutenção e diminuição, por meio de dietas e jejuns. Há um medo patológico de vir a engordar.

A bulimia nervosa pode ser definida como um transtorno que indica a recorrência de uma alimentação exagerada e compulsiva, muito acima do que ingeriria um indivíduo comum em circunstâncias semelhantes. Essa alimentação compulsiva, que ocorre por meio de episódios bulímicos, acontece em pequenos intervalos de tempo, e pode ser entendida como uma perda do controle alimentar. A bulimia nervosa também vem acompanhada de movimentos compensatórios, tais como a ingestão de laxantes, diuréticos e vômitos auto-induzidos, o mais comum.

Para efeito de tratamento, os autores fazem referência a um *diagnóstico diferencial*. Esse diagnóstico procura ver o paciente como um ser único, concreto, que sofre a interferência do meio onde vive e que tem emoções. Deve ser evitado examinar o transtorno isoladamente, mas ver o paciente por inteiro, em seus aspectos físicos e emocionais, e deve-se procurar vê-lo principalmente como um ser de relações.

Concluem que “pessoas com bulimia ou anorexia não apresentam esse comportamento apenas em relação à comida: relacionam-se dessa forma frente à vida, e aos sentimentos, como um todo” (HOLANDA; NUNES, 2008, p. 175).

A Gestalt-terapia vincula o transtorno alimentar ao adoecimento. O adoecer é entendido como uma etapa de um ajustamento criativo disfuncional, que protege o indivíduo de certas experiências extremamente dolorosas. Esta afirmação está diretamente relacionada com a base fenomenológico-existencial da abordagem, que vê o homem a partir de sua existência concreta, com potencial de crescimento e autorregulação.

No texto, há uma elucidativa discussão acerca do ajustamento criativo. Para enfrentar essa questão, os autores se valem de uma concepção “diferenciada da psicopatologia, não mais como categoria nosológica ou manifestação sintomatológica, mas como processo ou modo de existir, numa perspectiva que nos aproxima da tradição fenomenológica da psicopatologia e psiquiatria” (HOLANDA; NUNES, 2008, p. 175). Nesse sentido, não há que se falar em doença, em pessoas que se desviam da norma, mas sim em pessoas diferentes. Desse modo é que muitos ajustes criativos são percebidos como estranhos quando examinados fora de seu contexto.

Assim, afirma-se que “os teóricos da Gestalt-terapia desenvolveram uma compreensão dos processos psicopatológicos do desenvolvimento a partir dos estudos dos processos de autorregulação orgânica” (TENÓRIO, 2003 apud HOLANDA; NUNES, 2008, p.175). O processo de autorregulação é inerente ao organismo. Entretanto, muitas vezes ele sozinho não dá conta das situações, “tornando-se necessário que ele faça “algo mais”. Esse “algo mais” é o ajustamento criativo” (HOLANDA; NUNES, 2008, p. 175).

Para o tratamento, recomenda-se correlacionar o sintoma com outros acontecimentos da vida do indivíduo, que necessita tomar conhecimento do modo como se relaciona com a comida e qual a função desse alimentar perturbado para sua vida como um todo. É importante também aceitar esse padrão alimentar, para que melhor se possa reconfigurá-lo. Deve-se incentivar a pessoa a desenvolver curiosidade por si mesma, sendo que por esse meio ela poderá vir a descobrir o que ela está tentando esconder, impedindo a conscientização.

Fundamental em todo o processo psicoterápico é o estabelecimento de um forte vínculo, pois é comum o estabelecimento de defesas pelo sujeito. Outro ponto considerado é o de procurar não focar o tratamento na comida, mas em como lidar com fenômenos mais amplos de sua vida. A ampliação da *awareness* é o ponto nevrálgico, como de resto de qualquer abordagem gestáltica.

Carvalho e Lima (2017) desenvolvem o tema da anorexia em adolescentes parcialmente baseados nas reflexões de Holanda e Nunes, acima comentado. Digno de nota, é que sua ênfase centra-se nos recursos terapêuticos a serem empregados. Nesse sentido (KYIAN, 2006 apud CARVALHO; LIMA, 2017), são referidas as técnicas da “cadeira vazia”, do monograma, da exageração e da “fantasia da roseira”. Todos devem ser aplicados, a depender do estilo do terapeuta e sua adequação ao paciente e ao contexto, tendo como objetivo a ampliação da *awarenes*.

4.8 Gestalt-terapia, adolescência e somatização

Por meio do termo *Dasein* da filosofia de Heidegger, procura-se analisar a somatização, entendida esta como “a ocorrência de sintomas físicos que não possuem causas orgânicas e não são explicadas por condições médicas gerais” (BRITO; AZEVEDO; OLIVEIRA, 2015, p. 214).

As autoras consideram que há indivíduos que tendem a manifestar suas angústias psicológicas de modo somático. Nesse aspecto, é necessário considerar a dimensão humana

em toda a sua abrangência, constatando que o sofrimento corporal pode estar vinculado à história de vida do paciente.

O termo *Dasein* de Heidegger designa um poder ser do ente no mundo, representando as possibilidades do ser e de como esse ser se relaciona com os demais seres com objetivo de cuidar de si mesmo.

Nesse sentido, o adoecimento é visto por Heidegger como privação do caráter básico do poder-ser, já que a saúde é a liberdade do ser humano poder-ser no mundo. A doença, desse modo, “é uma perda de liberdade, uma limitação da possibilidade de viver” (HEIDEGGER, 2008 apud BRITO; AZEVEDO; OLIVEIRA, 2015, p. 217).

O estudo de caso das autoras foi efetuado com uma adolescente (os casos de somatização são desenvolvidos em sua maioria por adolescentes do sexo feminino) de 15 anos de idade e de baixa condição socioeconômica, outro grupo propenso à somatização. Ela foi hospitalizada por estar acometida de dificuldade de deglutição, que a adolescente denominava de “entalo”. Por vários problemas no atendimento médico formal, foi requisitado um acompanhamento psicológico. Logo no início percebe-se nas atitudes da mãe da adolescente um sentido de superproteção, não deixando margem para que a filha se manifestasse nas entrevistas. Respondia todas as questões dirigidas à filha, não permitindo que ela se pronunciasse.

Tendo com base as reflexões de Heidegger, foi possível “compreender o adoecimento de Bruna como uma privação de seu caráter essencial de poder-ser no mundo” (HEIDEGGER, 2008 apud BRITO; AZEVEDO; OLIVEIRA, 2015, p. 220). O “entalo” da adolescente pode ser entendido como um fenômeno do corpo, um *corporar*, um dizer do corpo, frente à impossibilidade de manifestação da linguagem. Note-se que apesar das limitações à liberdade do *Dasein*, ele ainda atua, manifestando-se pelo “entalo”.

Foram realizadas sessões individuais com a adolescente, tendo ela começado o desenvolver mais liberdade de manifestação e em pouco tempo os “entalos” desapareceram.

4.9 Gestalt-terapia e Adolescentes em conflito com a lei

Leão (2007) afirma que adolescentes são estigmatizados após cometer um delito e para eles as pessoas apontam o dedo, cometendo um erro, pois estão apontando para o inimigo errado e o problema fica sem resolução. Esse tipo de comportamento é altamente prejudicial pois divide a sociedade em dois grupos: as vítimas e os infratores. Após separá-

los, e estando do lado errado, são estigmatizados e sua humanidade é destruída. Na verdade, em seu lugar ocorre a destrutividade.

O artigo pretende ser uma discussão teórica para demonstrar “como a Gestalt-terapia pode atuar com *adolescentes em conflito com a lei*, auxiliando-os na ressignificação do estigma e na contatação de sua essência” (LEÃO, 2007, p 52). As teorias do “ciclo do contato” e a “relação dialógica” serão a base da discussão.

Antes, porém, a autora oferece uma visão social do tema. Afirma (SEGRE, 1996 apud LEÃO, 2007) que uma lei é conservadora por natureza, na medida em que dispõe que um crime ocorre se determinadas situações acontecerem. Define um infrator pela desobediência a determinadas situações, previamente estabelecidas, e que a sociedade julga como o alicerce da paz social.

Na década de 70 surgiu a criminologia crítica, que afirma que a sociedade cria os seus próprios criminosos e somente depois cria instituições para dar conta deles. Assim, os delinquentes desempenham uma função de utilidade, por meio da projeção sobre eles de todos os males da sociedade. Eles representam o mau e os outros os “cidadãos corretos, que vivem dentro da lei e dos princípios dominantes na sociedade” (TRINDADE, 1993 apud LEÃO, 2007, p. 52). Desse modo, o que mais deveria importar é a reforma das estruturas sociais e não reinserir o delinquente na sociedade ou mesmo puni-lo.

Chama-se a atenção também para o fenômeno da “aceitação” (GOFFMAN, 1988 apud LEÃO, 2007). Esse fenômeno significa que um indivíduo ao ser estigmatizado por crime (s) cometido (s), as pessoas o reduzem ao seu estigma e ele, por falta de opção, passa a aceitar a estigmatização, procurando, então, trabalhar e construir sua subjetividade nesse espaço, o único que a sociedade lhe permitiu.

Daí vem o nome: “incríveis infratores”. Ele surgiu quando a autora, realizando um trabalho com adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas, pediu-lhes que escolhesse um nome para o grupo. Após um tempo de discussão entre eles, foi escolhido a denominação “incríveis infratores”. Leão (2007) repara que infratores já significa a “aceitação do estigma, já se consideram como tal. O “incríveis” denota a capacidade de sobressaírem-se, de se considerarem competentes naquilo que fazem e serem reconhecidos. É um modo de preservação da autoestima, de construírem suas subjetividades no espaço que lhes foram abertos pela sociedade.

O objetivo da atuação da Gestalt-terapia é o de desconstruir esse funcionamento voltado para o não saudável, facilitando a formação de uma ação ética, por meio de uma ressignificação de sua história de vida. Nesse sentido, “a ação ética não se refere a normas e

valores sociais, e sim a valores pessoais baseados na missão existencial da pessoa” (LEÃO, 2007, p. 56). Todos têm uma missão ética, uma vocação existencial, mesmo que a maior parte das pessoas não a ouçam. “A ética é mais que um conjunto de normas, ela está ligada ao sentido da existência humana.” (ANDRADE, 2005 apud LEÃO, 2007 p. 57). Assim, a ação ética do terapeuta deve estar plenamente implicada na relação terapêutica, um postulado nevrálgico da Gestalt-terapia, já que ele vai auxiliar o seu cliente a entrar em contato com a sua vocação existencial e ao mesmo tempo realizar a própria vocação existencial.

Nesse momento, a autora recorre à relação dialógica, pois é importante que flua entre adolescente e terapeuta uma atitude de profundo respeito e sintonia, “uma atitude horizontal e não abusiva. Nesse sentido, a relação dialógica dá o suporte necessário para a desconstrução discutida.” (LEÃO, 2007, p. 57). Com base em Hycner, a autora estabelece a importância da relação terapêutica. Para esse autor, a capacidade de travar relacionamentos significativos dos homens entre si é o ponto nevrálgico da existência humana, e a experiência desses relacionamentos significativos “é por si só curadora” (LEÃO, 2007, p. 57).

As ferramentas terapêuticas usadas pela autora para a terapia com os adolescentes em conflito com a lei são o contato e a *awareness*. Cabe ao terapeuta proporcionar condições que permitam ao adolescente manter contato consigo mesmo, seja com base no diálogo ou por meio de uma atividade. A vivência do contato é que proporcionará o seu crescimento. Por meio de um processo de captação de algo no meio (“não-eu”) ele o introduz, assimilando-o ou rejeitando-o, e “na assimilação o que foi previamente “desestruturado” é utilizado na construção de elementos próprios, se tornando parte da identidade (“eu”)” (SPANGENBEG, 2004 apud LEÃO, 2007, p. 58)

A *awareness* surge como resultado da experiência do contato, proporcionando a mudança do comportamento. A autora entende a *awareness* como a “consciência que a pessoa adquire com relação a diversos âmbitos de sua vida via experiência, não considerando aqui consciência apenas como algo racional, mas também emocional. Sendo experiência, a *awareness* é uma consciência sentida, emocionada.” (LEÃO, 2007, p. 58)

Outro ponto de vista é trazido por Vieira (2012), para quem os empecilhos ao desenvolvimento saudável do adolescente ocorrem em sua socialização. Nesse sentido, desenvolver-se envolve tanto questões individuais quanto familiares e sociais. Embora reconheça a importância de fatores individuais e familiares na formação do indivíduo, principalmente nos primeiros anos de vida, para o desenvolvimento humano, este processo também inclui fatores socioculturais, afetivos e cognitivos. Nessa direção, alguns valores primordiais são os transmitidos pela cultura, tais como as percepções, as metas, as ações, os

costumes, etc. A adolescência é então compreendida como a segunda fase da separação indivíduo-sociedade – a primeira fase é a do nascimento.

Em pesquisa realizada junto a adolescentes do CIA – Centro de Internação Assistida, da FUNCAD – Fundação da Criança, do Adolescente e da Integração do Deficiente, em Goiânia, a autora observou que a infração e internação colocam os adolescentes à margem do grupo social, excluindo-os da vida social. Em consequência, eles acabam por criar grupos com regras específicas, afastando os valores do grupo social como elemento de peso. São essas regras específicas que acabam por predominar no retorno desses adolescentes ao convívio social. Dessa observação, a autora chama a atenção para a importância de medidas socioculturais e terapêuticas no período de construção e reconstrução da personalidade do adolescente, em período ainda flexível de sua personalidade.

Esse tema remete para a importância da socialização, processo responsável por transmitir os valores culturais que regem a convivência entre os homens de determinada sociedade. Em síntese, a “socialização é o processo pelo qual o indivíduo aprende a ser membro da sociedade”(BERGER; BERGER, 1977 apud VIEIRA, 2002, p. 79). É por seu meio desse processo que ocorre a interação e identificação com os outros, interiorizando o mundo social.

A socialização ocorre em dois níveis (BERGER; LUCKMANN, 1995 apud VIEIRA, 2002, p. 79). A socialização primária é a socialização da infância, carregada de teor emocional. A socialização secundária é a educação das instituições, na medida em que ela é a interiorização de normas institucionais, fincadas na divisão social do trabalho. Ela é realizada a partir da socialização primária, podendo ocorrer desconexões entre ambas. Assim, podem existir interrupções no processo de socialização do indivíduo, como no caso em estudo, que leva o adolescente por caminhos não autorizados pelas normas sociais.

Nesse sentido, a ressocialização apresenta-se como o objetivo do trabalho terapêutico, assemelhando-se muito à socialização primária. Nesse processo, a realidade básica é o presente, e não o passado, como na socialização secundária, e procura-se ressignificar e reinterpretar o passado para “se harmonizar com a realidade presente, havendo a tendência a retrojetar no passado vários elementos que subjetivamente não eram acessíveis naquela época” (VIEIRA, 2002, p. 80).

Assim, deve-se aproveitar a flexibilidade da adolescência para, tendo a Gestalt terapia como esteio da ação terapêutica, ressocializar adolescentes infratores, partindo da consideração que tiveram o “diálogo interrompido”, “o que tornou o processo de socialização deficitário” (VIEIRA, 2002, p. 81).

Nesse aspecto, os conceitos de ação da Gestalt-terapia se assemelham em muito àqueles referidos no outro artigo que analisa questões relativas ao adolescente em conflito com a lei. Em ambos os artigos, a relação dialógica, a teoria do contato e a *awareness* são conceitos fundamentais para que o adolescente possa reinterpretar e ressignificar em momento presente suas experiências na infância.

Antony, em artigo intitulado “O adolescente com transtorno de conduta: a carência afetiva por trás da violência” do livro organizado por Zanella (2013), aborda o transtorno de conduta de adolescentes do sexo masculino. O diagnóstico do transtorno de conduta, continua a autora, é feito quando o adolescente apresenta um conjunto repetitivo e persistente de comportamentos antissociais, que violam os direitos das outras pessoas e das normas sociais.

A razão para a ocorrência de tais comportamentos é colocada no desenvolvimento da perversidade no funcionamento intrapsíquico de pessoas que apresentam esses transtornos. Recorrendo à etimologia da palavra perversão, que quer dizer colocar as coisas às avessas, afirma a autora que a conduta antissocial do adolescente, uma atitude consciente, pretende “inverter a ordem social e a vida de seus semelhantes” (Antony, 2013, p 134). Pode-se, assim, afirmar que o adolescente em conflito com a lei estabelece um relacionamento hostil, principalmente com pessoas detentoras de autoridade.

Para Antony (2013) o adolescente em conflito com a lei, em criança, não teve confirmada sua existência, acarretando uma imensa carência afetiva. No mesmo sentido, para que seja desenvolvida uma preocupação com o outro é necessário que a relação com a mãe tenha sido “nutritiva emocional e fisicamente desde tenra idade” (WINNICOTT apud ANTONY, 2013, p. 137).

Uma questão pontuada como fundamental à formação do adolescente em conflito com a lei, é a importância ao pai (lei) na patologia do transtorno. Diante da ausência da figura paterna, ou mesmo a sua omissão, ou mau exemplo, o adolescente não o “internalizará como representante da lei, que é investida de proibições e condenações. Por isso, o adolescente infrator não apresenta freios éticos, já que o crime, para ele, não tem punição. Dessa forma, não sente temor ou angústia.” (ANTONY, 2013, p. 139)

Com base no ciclo do contato, a autora discorre sobre como o adolescente infrator elabora e realiza seus contatos, ou melhor dizendo, como eles são interrompidos ou bloqueados.⁹ Dos nove processos de interrupção do contato, também chamado de

⁹ A literatura gestáltica reconhece nove processos de interrupção do contato: fixação, dessensibilização, deflexão, introjeção, projeção, proflexão, retroflexão, egotismo e confluência.

ajustamentos defensivos, mais presentes entre adolescentes em conflito com a lei, quatro prevalecem. São eles: projeção, deflexão, egotismo e dessensibilização.

Para a autora, os adolescentes infratores têm pouco desenvolvido o ajustamento defensivo da retroflexão – a função de reprimir os instintos e emoções. Adotam, então, a proflexão, só que com direção contrária. Ao invés de aprenderem a fazer com o próximo aquilo de bom que fizeram com ele, que seria o ajuste criativo saudável, o adolescente “aprende a fazer ao próximo aquilo de ruim que lhe fizeram” (ANTONY, 2013, p. 142).

Ao desrespeitar a ordem social pelo roubo, violência e ultrajes ele está simplesmente projetando nos outros sua raiva, que é o sentimento que ele pensa que todos sentem por ele. Isso tudo o impede de entrar em contato com o seu eu frágil, defletindo “como ajustamento defensivo de evitação a qualquer situação ou pessoa que o coloque em posição de vulnerabilidade”. (ANTONY, 2013, p. 143)

Por todas essas características, o adolescente infrator age como um ser todo poderoso, de modo egotista em quase todos os seus contatos, acarretando uma completa dessensibilização, que o bloqueia para sentir a dor alheia. Em síntese, seu eu todo poderoso na verdade esconde um autoconceito depreciativo, resultado das relações estabelecidas em sua infância.

Em seguida, a autora enumera uma série de objetivos como caminhos terapêuticos, amparada pela abordagem gestáltica. Importante referir sua recomendação veemente de mudanças sociais, atribuindo uma alteração radical na reestruturação da grade curricular escolar, devendo esta incluir filosofia, educação religiosa e ambiental e moral e cívica. O terapeuta deve estender também seu olhar para além dos limites do consultório, participando ao máximo de eventos sociais em que tenha a possibilidade de incluir essa temática.

4.10 Gestalt-terapia e a dor oncológica

O artigo de Siqueira, Pelegrin, Gomez, Silva e Sousa (2015) analisa a questão da dor em adolescentes com câncer. Essa dor pode ser agravada pela sua presença antes e depois do diagnóstico, pelas consequências dos tratamentos prescritos (quimioterapia e outros), pelo estágio da doença e também por causas oriundas de dramas existenciais de cada paciente.

É uma pesquisa fenomenológica, no sentido de que “é uma tentativa de desvelar o significado e compreender a experiência de quem os vivencia, seus significados na relação com o mundo, a sua história e a sua cultura.” (MERLEAU-PONTY, 2011 apud SIQUEIRA et. al, 2015, p. 15). É uma busca por compreender o significado da dor para cada adolescente,

como ela é experienciada e como ela está relacionada com o viver e a vida emocional de cada um deles. Ou seja, a dor, não só a oncológica, é diferente para cada pessoa. A pesquisa foi realizada com grupo de jovens de 10 a 19 anos, diagnosticados com câncer, que estão em tratamento, independentemente da fase e das características da neoplasia.

Os resultados indicaram em primeiro lugar que emoções, como sentimento de solidão e de tristeza foram relacionados à dor. São encontrados aspectos de sua subjetividade na experiência da dor. Nesse contexto, os adolescentes muitas vezes expressam e relacionam a dor à experiência da separação dos pais, indicando as correlações com o seu modo de ser no mundo.

Também foi considerado como relevante a memória dos períodos de hospitalização. Para alguns a dor aparece ou se agrava com as lembranças hospitalares. Muitos quando pensam em dor pensam no hospital, o distanciamento dos amigos, dos estudos. Do mesmo modo, as lembranças da dor podem ser ativadas quando associadas aos tratamentos terapêuticos considerados invasivos como o diagnóstico, a quimioterapia, a radioterapia a cirurgia. Nesse sentido, os autores “apontam para a necessidade de uma compreensão biopsicossocial do fenômeno doloroso [...] que reconheça a relevância de fatores comportamentais e sociais sobre o fenômeno e a expressão do sofrimento decorrente.” (FLORES; COSTA JÚNIOR, 2008 apud SIQUEIRA et al, 2015, p 16)

A coexistência com a dor também é um resultado apontado, no sentido de que o adolescente pode adaptar-se a ela, após algum tempo, passando com ela a conviver, mesmo sem perceber.

4.11 Os limites entre a proteção e o respeito à convivência familiar

Santos (2013) analisa os conflitos decorrentes entre a tutela do adolescente e sua família. Esses conflitos emergem quando a negligência parental é evocada para que seja aplicada a tutela, sendo então o adolescente afastado do convívio familiar. O caso em análise se reveste de maior complexidade em razão de que a negligência apontada relaciona-se diretamente com o transtorno mental dos pais.

Portanto, o limite entre esses dois direitos – a direito à tutela e o direito à convivência familiar – é o fio condutor de sua análise. A autora entende que, nesses casos, como medida protetiva, o afastamento da família, ressaltando a sensibilidade dos profissionais envolvidos na rede de garantia de direitos, principalmente para que estejam atentos à importância do

vínculo materno e familiar para a criança/adolescente, e “estejam dispostos a trabalharem visando a reintegração familiar” (SANTOS, 2013, p. 141).

Nesse sentido, cabe a esses profissionais, verificar as condições de vida da criança, se há suporte de outros parentes, de vizinhos, para que esses pais recebam ajuda para cuidar da criança /adolescente. Para amparar sua análise, é citado Bowlby (1995, apud SANTOS, 2013) que afirma que mesma que a higiene e a pobreza acompanhem a vida da criança, mesmo que sofra mal tratos, ela se sentirá segura (a não ser que os pais a rejeitem completamente), pois saberá que tem valor para alguém.

4.12 Adolescência e trânsito

O artigo de Sobrinho (2010) aborda as implicações entre o trânsito e o processo do adolecer, como entendido pela psicologia do trânsito. O trânsito é referido como “um conjunto de deslocamentos de pessoas e veículos nas vias públicas dentro de um sistema convencional de normas, que tem por fim assegurar a integridade de seus participantes” (ROZESTRATEN, 1988 apud SOBRINHO, 2010, p.9).

Como deslocamentos implicam em comportamentos, tais comportamentos são o objeto da psicologia do trânsito. A autora afirma que 80% dos acidentes são devidos a falhas humanas. Nesse sentido, procura-se identificar os comportamentos dos adolescentes que provocaram acidentes em diversos contextos. São citados: o uso de drogas e bebidas alcoólicas, a imperícia, a atração pela velocidade e o empoderamento pelo ato de conduzir um automóvel.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta monografia pretendeu analisar e trazer para discussão a abordagem gestáltica sobre a adolescência, tanto sobre suas bases e pressupostos epistemológicos como sobre sua atuação clínica. Vimos que a adolescência é um tema em si mesmo complexo, que emergiu de forma muito recente na História da Humanidade, como resultado da evolução do capitalismo. Ele está vinculado também a uma forma de reorganização da família, que passou a ser um sistema de afetos.

Foi realizada uma ampla abordagem por meio dos artigos de duas revistas especializadas - a Revista da Abordagem Gestáltica e a Revista IGT na Rede. Foram analisados ao todo 18 artigos, cobrindo uma gama variada de assuntos e sintomas relacionados ao contexto adolescente. Assim é que a somatização, a ansiedade, os transtornos alimentares, o tema dos adolescentes em conflito com a lei, adolescentes e o trânsito de veículos, e muitos outros temas foram abordados, revelando a adequação dos conceitos da Gestalt-terapia para lidar com todos esses fenômenos.

A monografia iniciou-se com a descrição da adolescência, sempre carregada de entendimentos prévios, que a configuram de um modo muito específico. Ou seja, desde a publicação do livro de Stanley Hall, no começo do século XX, que entendeu a adolescência como um período de crise, e dividiu a evolução humana em estágios. Essa tendência foi seguida por inúmeros outros pensadores, que a encaram como um processo eminentemente conduzido pela explosão hormonal, tendo suas outras características se desencadeando a partir daí, emoldurando um quadro de crise¹⁰.

A Gestalt terapia apresenta um entendimento diverso, pois entende o ser humano como único, que se constrói e é construído a partir de suas relações com o meio em que está inserido. Nesse sentido, o artigo de Baroncelli (2012) é seminal para desfazer esse entendimento com base nos postulados da Gestalt-terapia.

Outro conceito importante utilizado pelos autores da Gestalt-terapia constantes dos artigos referidos é a teoria da identidade de Erik Erikson, que prevê a adolescência como o tempo de construção de uma identidade, e que aceita a influência social como determinante dos dilemas da adolescência, que tem grande aceitação entre gestalt terapeutas, independentemente dessa teoria traçar a evolução humana por estágios.

¹⁰ De um certo modo, é lançado um olhar de desconfiança para aqueles que passam pela adolescência sem grandes percalços. Uma das marcas dessa crise é a rebeldia, que é assim referida: “sem rebeldia e sem contestação não há adolescência normal [...] o adolescente submisso é que é a exceção à normalidade”. (OSÓRIO apud OZELLA, p. 19)

Essas afirmações levaram à discussão da ausência de uma teoria do desenvolvimento pela abordagem gestáltica. Nesta monografia trabalhamos com esse assunto tomando as argumentações de Aguiar (2011), que parte do princípio de que possuir uma teoria do desenvolvimento é muito mais devido a uma pretensa e errônea ideia de que é preciso ter uma teoria de desenvolvimento para que a abordagem seja respeitada. Para a autora, a abordagem gestáltica já é detentora por si mesma de uma teoria do desenvolvimento, conforme os conceitos de autorregulação orgânica e ajustamento criativo citados por Perls, Hefferline e Goodman (1997).

Portanto, não há a necessidade de que seja ressaltada qualquer tipo de regularidade pois o ser humano não pode ser reduzido a tais regularidades. Esse princípio, na prática, não é levado tão a sério. Ressalte-se que é possível, no contexto da Gestalt-terapia, a atribuição de regularidades, desde que elas não impliquem no estabelecimento de leis psicológicas. Da leitura dos artigos, assim, uma tendência a considerar a adolescência como um fenômeno universal, experienciado de modo distinto por cada cultura e, dentro dela, por cada indivíduo.

Pela leitura dos artigos fica evidente a grande plasticidade da Gestalt-terapia. São inúmeras as bases teóricas utilizadas. A psicanálise, uma de suas bases epistemológicas, contribui com as teorias de Erikson, Bowlby e Winnicott, tomadas em muitos artigos analisados, que deve ser creditado ao caráter relacional das abordagens, principalmente dos dois últimos.

Por um outro lado, a atuação gestáltica é unânime, excetuando os artigos que trabalham exclusivamente com a base fenomenológica. O contato entre o organismo e o meio, a fronteira de contato, os ajustes criativos, o lócus onde o contato ocorre, e a *awareness*, uma consciência biopsicossocial de cada indivíduo, são conceitos imprescindíveis à leitura e atuação gestáltica. A aplicação desses conceitos, como bem demonstraram os artigos analisados, descortinam uma infinita possibilidade de entendimento e maior ainda possibilidades de intervenção, proporcionando ao terapeuta um espaço altamente amigável e propício à sua criatividade.

Quanto ao ciclo do contato, ele somente é explorado pelos artigos do livro organizado por Zanella (2013). De um certo modo, é ignorado pelos artigos das revistas.

A base epistemológica mais frequente explorada em todos os artigos apreciados sem sombra de dúvida é a fenomenológica. É uma premissa do pensar e agir gestáltico. A ênfase no aqui e agora da fronteira de contato, o momento presente de como o adolescente sente e entende a si mesmo e a partir desse ponto construir e atualizar o seu passado e incorporar

novos conceitos e possibilidades de si mesmo no mundo ampliando sua *awareness* é a linha mestra da abordagem gestáltica.

Da fenomenologia deriva o conceito gestáltico do ser humano único, na concretude única de suas relações com o mundo. Daí também deriva a importância da autorregulação, sempre também referida nos artigos como um dos principais esteios que apoiam a atuação do gestalt terapeuta. O conceito utilizado por Holanda e Nunes (2008) denominado de *compreensão diferencial* ajusta-se à perfeição para descrever esse ponto. Assim, por exemplo, episódios bulímicos, são sintomas derivados do processo de autorregulação por meio de ajuste criativos para enfrentamento de situações dolorosas. Nesse aspecto, a Gestalt-terapia considera a patologia do adolescente como diferente, mas nunca uma anormalidade. Em síntese, fenomenologicamente falando, nada pode ser compreendido fora de seu contexto.

O autor da fenomenologia mais citado é Martin Heidegger. Ele está presente na própria definição do que é a adolescência, como no artigo de Frota (2005). Reconhecendo ser tarefa árdua compreender a adolescência pela hermenêutica heideggeriana, a autora especula que o adolescente vive o não ser, pois o adolescente não é mais criança nem também é adulto. Assim, o seu ser-aí é o nada - o não ser. Isso é como ele se coloca no mundo, daí ser, em alguns casos, um processo extremamente doloroso.

Heidegger aparece também no artigo sobre suicídio da mesma autora, quando afirma que enfrentar a morte (o não ser) é contingência humana, escamoteada pela sociedade contemporânea (FROTA, 2005). No artigo sobre somatização (BRITO; AZEVEDO; OLIVEIRA, 2015), com o conceito de *dasein*, que, grosso modo pode ser entendido como o ser se relaciona com outros seres para cuidar de si mesmo, sendo o adoecimento uma privação do *dasein*.

Observe-se que duas outras bases epistemológicas reconhecidas, a psicologia da Gestalt e a teoria de campo de Kurt Lewin, são muito pouco citadas nos artigos. A primeira somente uma vez no artigo de Melo (2005) e a segunda em alguns artigos, e de modo enfático no de Baroncelli (2012). O campo da teoria de Lewin quando citado é uma palavra “solta” sem referência a outros conceitos correlatos da teoria do campo lewiniana.

Uma outra pontuação diz respeito à introdução de teorias sociológicas e filosóficas (fora do campo da fenomenologia) para enquadramento e objetivos da intervenção da Gestalt-terapia. Essas teorias são encontradas precipuamente em dois dos artigos que tratam dos adolescentes em conflito com a lei.

No artigo de Leão (2007) alerta-se para o estigma que acompanha adolescentes em conflitos com a lei, recorrendo a teorias de criminologia, principalmente a criminologia

crítica. O objetivo da Gestalt-terapia seria o de desconstruir o funcionamento deficitário do adolescente, ressignificando sua história de vida e desenvolvendo no adolescente uma “ação ética”, entendendo esta como uma missão vocacional, existencial, de que todos os seres humanos são dotados, mas poucos a percebem dentro de si.

No artigo de Vieira (2002), os problemas são apresentados a partir dos diálogos interrompidos entre a socialização primária (da infância, puramente emocional) e a socialização secundária, a socialização das regras das instituições. As conexões entre as duas estão desreguladas, desconexas, interrompidas. A tarefa da Gestalt-terapia seria a de ressocializar o adolescente a partir da ressignificação de acontecimentos e emoções da socialização primária. Tais incorporações somente demonstram a plasticidade da Gestalt-terapia e sua capacidade de incorporar em sua base teórica postulados de diferentes campos.

Sobre esses mesmo tema foi o texto de Antony (2013), em que se afirma que os adolescentes com transtornos de conduta antissocial apresentam uma infância altamente deficitária pela ausência de mãe “nutritiva física e emocionalmente” ou pela ausência do pai (a lei), ou de ambos, que lhes impediram o desenvolvimento da compaixão com a dor alheia. Em síntese, uma abordagem eminentemente psicanalítica. Antony (2013) recomenda não somente uma atuação junto ao infrator, mas também junto à escola, à família e à sociedade, tão adoecidas quanto o próprio infrator.

A psicoterapia dialógica é outro conceito a que recorrem com frequência os autores dos artigos analisados. Ela oferece todos os pressupostos exigidos, e algo mais, pelos postulados da Gestalt-terapia no que toca ao estabelecimento de vínculos no relacionamento terapeuta-cliente. Desponta a obra de Richard Hycner, “De pessoa para pessoa – psicoterapia dialógica”, como a mais referida. A psicoterapia dialógica já pode inscrever-se entre as “cláusulas pétreas” da Gestalt-terapia.

Os efeitos decorrentes da vida contemporânea podem ser considerados, sem dúvida, como tópico mais importante para o viver adolescente, que foi interferindo paulatinamente na elaboração desta monografia, ampliando o seu espaço. Inicialmente tinha-se em mente inserir um pequeno trecho em que se abordasse a contemporaneidade. Acontece que esse trecho foi aumentando cada vez mais, acarretando a observação de que os efeitos da vida contemporânea permeavam praticamente todos os artigos, mesmo aqueles que não eram intencionalmente dedicados ao tema.

Com efeito, pode-se assinalar que esta monografia de um modo geral trata da contemporaneidade pela ótica da Gestalt terapia, tal é a sua centralidade na vida do adolescente. O “ter” no lugar do “ser”, a velocidade e descartabilidade das relações, o excesso

de estímulos, a dificuldade em focar objetivos, a ansiedade patológica, a falta de tempo e disposição para conversar, o corpo percebido somente pelo lado estético e social, o excesso de estímulos e o excesso de liberdade, a influência do mercado nos componentes sociais, a velocidade e facilidade das comunicações, o hedonismo e o escamoteamento da morte são tópicos que interferem na vida do adolescente, podendo assumir contornos patológicos.

Desse modo, pode-se afirmar que, em linguagem gestáltica, esses sintomas são ajustes criativos para lidar com as consequências da vida contemporânea, revelando um nível de adoecimento geral em toda sociedade. Isso somente contribui para exprimir o sentimento de que a adolescência é o período da vida humana que permite compreender com mais nitidez os efeitos da contemporaneidade sobre o ser humano e a própria vida.

Ao término deste trabalho, impõe-se uma questão intrínseca ao desenvolvimento desta monografia, que é o de se saber qual o sintoma ou conceito mais visível e presente no adolescente na contemporaneidade a partir da leitura dos textos das revistas de referência. Arriscamos a sugerir que aqueles vinculados ao corpo são sem dúvida os mais proeminentes.

Muitas análises vêm alguns adolescentes pela ótica do não-ser, que vive entre o paraíso infantil perdido e a vida adulta, e que sentem-se completamente perdidos e são acometidos de uma dor intensa. Se antes o “trem da vida” estava na estação com seus contornos razoavelmente definidos, esperando com pouca receptividade o adolescente para prosseguir viagem, na contemporaneidade o “trem da vida” é disforme, muda a cada instante e está em constante movimento sem alças de sustentação estáveis para apoiar aqueles que devem nele embarcar.

Ajudar o adolescente a entrar no mundo adulto é tarefa que a Gestalt-terapia tenta explicar e atuar. Como abordagem relacional, que procura recuperar o humano em todas as suas dimensões, que entende o indivíduo como implicado do campo, crê-se que restou demonstrado suas enormes possibilidades teóricas e práticas para interferir no processo do adolecer.

Consideramos, por fim, que o objetivo inicial desse estudo foi alcançado e destacamos a relevância de prosseguir investigação da literatura em Gestalt-terapia sobre o tema da adolescência.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Luciana. **Gestalt terapia com crianças: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2015.

ALVIM, Mônica. O corpo entre virtualidade e produtividade: experiência e contato na situação contemporânea. In: FRAZÃO, Lilian Meyer (org). **Questões do humano na contemporaneidade: olhares gestálticos**. São Paulo: Summus, 2017, p. 49-69.

ANTONY, Sheila. O adolescente com transtorno de conduta - a carência afetiva atrás da violência. In: ZANELLA, Rosana (org). **A clínica gestáltica com adolescentes: caminhos clínicos e institucionais**. São Paulo: Summus, 2013, p 115-150.

ANTONY, Sheila; ZANELLA, Rosana. (Re) construindo o contato com o novo eu emergente. In: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUFUMITSU, Karina O. **Modalidades de Intervenção Clínica em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2016, p 83-109.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC, 1978

AZEVEDO, Ana Karina Silva; DUTRA, Elza Maria do Socorro. Relação amorosa e tentativa de suicídio na adolescência: uma questão de (des)amor. **Revista da abordagem gestáltica**, Goiânia, v. 18, n. 1, p. 20-29, jun. 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672012000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 13 nov. 2018.

BARONCELLI, Lauane. Adolescência: fenômeno singular e de campo. **Revista da abordagem gestáltica**, Goiânia, v. 18, n. 2, p. 188-196, dez 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672012000200009&lng=pt&nrm=iso>, acesso em: 13 nov. 2018.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. São Paulo: Zahar, 2001.

BIAGGIO, Angela M. Brasil. **Psicologia do Desenvolvimento**. Petrópolis: Vozes, 1975.

BOCK, Ana Mercês Bahia. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educação (ABRAPEE)**. São Paulo, v 2, n. 1, p. 11-76 Jan-jun 2007.

BRITO, Mara Alice Queiróz. Busca do sentido ou perda da identidade? Lidando com os padrões socialmente impostos. In: FRAZÃO, Lilian Meyer (org). **Questões do humano na contemporaneidade: olhares gestálticos**. São Paulo: Summus, 2017, p. 49-69.

BRITO, Luanny Tomaz; AZEVEDO, Ana Karina Silva; OLIVEIRA, Luciana Carla Barbosa de. Considerações fenomenológico-hermenêuticas acerca da somatização na adolescência: um estudo de caso. **Revista da abordagem gestáltica**, Goiânia, v. 21, n. 2, p. 213-224, dez 2015. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672015000200010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 13 nov 2018.

CALLIGARIS, Contardo. **Adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2009.

CARDELLA, Beatriz Helena Paranhos. **De volta para casa: ética e poética na clínica gestáltica contemporânea**. São Paulo: Amparo, 2015.

CARVALHO, Mariane Lima de; LIMA, Deyseane Araújo. Anorexia em adolescentes sob a ótica da Gestalt terapia. **Revista IGT na rede**, Rio de Janeiro: v. 14, n. 26, p. 3-30, 2017. Disponível em <http://www.igt.psc.br/ojs>. Acesso em 09 out. 2018.

COUTO, Damiriane Lino, CUNHA, Luane Seixa Pereira. Marcas na Pele: a autolesão sob a ótica da Gestalt terapia. **Revista IGT na Rede**, Rio de Janeiro, v. 14, n 27, p. 233 – 259, 2017. Disponível em <http://www.igt.psc.br/ojs> . Acesso em: 10 out. 2018.

DEL PRIORE, Mary. **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1999.

FERNANDES, Myrian Bove. A consulta clínica com pais de adolescentes em Gestalt-terapia. In: ZANELLA, Rosana (org). **A clínica gestáltica com adolescentes: caminhos clínicos e constitucionais**. São Paulo: Summus, p. 41-57, 2013.

FROTA, Ana Maria Monte Coelho. O suicídio na adolescência: um estudo introdutório. **Revista do IV Encontro Goiano da Abordagem Gestáltica**, Goiânia: n. 4, p. 13-17, 1998a.

FROTA, Ana Maria monte Coelho. Do herói dos contos de fadas ao herói de si mesmo: discutindo a adolescência. **Revista do IV Encontro Goiano da Abordagem Gestáltica**, Goiânia: n. 4, p. 99-104, 1998b.

HELOU, Fádua. **Frederick Perls, vida e obra: em busca da Gestalt terapia**. São Paulo: Summus, 2015.

LEAO, Nara Cristina. Incríveis infratores: adolescentes estigmatizados em encontro com a Gestalt-Terapia. **Revista da abordagem gestáltica**, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 51-61, jun. 2007. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672007000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em: 13 nov. 2018.

LIRA, Nara Teixeira Soares. Adolescentes e Adultescentes na Contemporaneidade. **Revista IGT na rede**. v. 7, n. 12, p. 18-25, 2010. Disponível em:<http://www.igt.psc.br/ojs> Acesso em: 13 out. 2018.

MELO, Lucylle Fróes de. Uma visão fenomenológica sobre os limites da adolescência. **Revista IGT na Rede**, Rio de Janeiro: v. 2, n. 2, 2005. Disponível em <http://www.igt.psc.br/ojs>.

MUSS, Rolf. **Teorias da adolescência**. 5ª ed. Belo Horizonte: Interlivros, 1976.

NUNES, Arlene Leite; HOLANDA, Adriano. Compreendendo os transtornos alimentares pelos caminhos da Gestalt-terapia. **Revista da abordagem gestáltica**, Goiânia, v. 14, n. 2, p. 172-181, dez 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180968672008000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 13 nov. 2018.

OLIVEIRA, Maria Claudia Santos Lopes de. Identidade, narrativa e desenvolvimento na adolescência: uma revisão crítica. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 11, n. 2, p. 427-436,

mai/ago 2006. Disponível em

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722006000200022&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 13 Nov. 2018.

OZELLA, Sérgio. Adolescência: uma perspectiva crítica. In: CONTINI, Maria de Lourdes Jeffery; KOLLER, Sílvia Helena; BARROS, Monalisa Nascimento dos Santos. **Adolescência e Psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas**. Brasília: Conselho Regional de Psicologia. 2002.

PERLS, Frederick; HEFFERLINE, Ralph; GOODMAN, Paul. **Gestalt terapia**. São Paulo: Summus, 1997

PINHEIRO, Lia. Adolescente? Dá pra atender. In: Rosana Zanella (org). **A clínica gestáltica com adolescentes: caminhos clínicos e constitucionais**. São Paulo: Summus, 2013, p. 77-103.

PINTO, Ênio Brito. Ansiedade na adolescência. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, v. XII, n. 2, p. 59 -66, dez 2006.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Gestalt-terapia: refazendo um caminho**. São Paulo: Summus, 2012.

SÁ, Selma de Paula Sousa. Gestalt no atendimento a adolescentes. **Revista do VII Encontro Goiano de Abordagem Gestáltica**, Goiânia: n. 7, 2001.

SANTOS, Tatiana Queiróz de Almeida. Direitos da criança/adolescente: limites entre a proteção e o respeito à convivência familiar. **Revista IGT na Rede**, Rio de Janeiro: v. 10, n 18, p. 117 – 145, 2013. Disponível em <http://www.igt.psc.br/ojs>. Acesso em 09 out. 2018.

SILVA, Rosimeire Viana Barbosa da. Os conflitos de fronteira de contato entre pais e filhos adolescentes. **Revista IGT na Rede**, Rio de Janeiro: v. 12, n 22, p. 53– 66, 2015. Disponível em <http://www.igt.psc.br/ojs> ISSN: 1807-2526. Acesso em: 10 out. 2018.

SIQUEIRA, Hilze Benigno de Oliveira Moura et al. Percepção de adolescentes com câncer: pesquisa fenomenológica. **Revista da abordagem gestáltica**. Goiânia, v. 21, n. 1, p. 13-21, jun 2015. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672015000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 09. 11. 2018.

SOBRINHO, Elizabele Marinho. Adolescência e trânsito. **Revista Igt na rede**, Rio de Janeiro: v. 7, n. 12, p. 2-17, 2010. Disponível em <http://www.igt.psc.br/ojs>. Acesso em: 10 out. 2018

VIEIRA, Maria Aparecida Dias. Interrupção do diálogo: um estudo com adolescentes infratores. **Revista do VIII Encontro Goiano da Abordagem Gestáltica**, Goiânia: n. 8, p. 77-84, 2002.

ZANELLA, Rosano; ZANINI, Maria Estela Benedetti. Atendendo adolescentes na contemporaneidade. In: ZANELLA, Rosana (org). **A clínica gestáltica com adolescentes: caminhos clínicos e institucionais**. São Paulo: Summus editorial, 2016, p. 59-76.